



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS - CHSA
CURSO DE JORNALISMO

**COBERTURA JORNALÍSTICA: A REPERCUSSÃO DOS 10 DIAS DE
JULGAMENTO DA BOATE *KISS* PELO PORTAL GZH**

Lucas Silva dos Santos

Lajeado, dezembro de 2022

Lucas Silva dos Santos

**COBERTURA JORNALÍSTICA: A REPERCUSSÃO DOS 10 DIAS DE
JULGAMENTO DA BOATE *KISS* PELO PORTAL GZH**

Monografia apresentada no componente de Trabalho de Curso, do Curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Marcus Staudt

Lajeado, dezembro de 2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus. Àquele que é capaz de fazer conosco mais do que pedimos ou pensamos, de acordo com o poder que tem sobre nós.

A minha família que sempre me apoiou e incentivou na busca dos meus objetivos e não mediu esforços para auxiliar em minha formação pessoal e profissional.

Ao professor orientador, Marcus Vinícius Staudt, que, ao longo de 2022, acompanhou a realização deste trabalho e prestou todo o suporte necessário. Em nome dele, agradeço a todos os professores do curso de Comunicação da Universidade do Vale do Taquari (Univates) por contribuírem, ao longo de dez anos, com a minha formação profissional.

A amiga e colega de profissão Clarissa Jaeger pela troca de ideias, ajuda na estruturação do trabalho e pelas palavras de ânimo, abraços e o constante incentivo.

Aos colegas da Associação Comercial e Industrial de Lajeado por acreditarem na minha capacidade, pelo companheirismo, encorajamento e amizade sincera.

Aos amigos, colegas de faculdade e todos aqueles que, de alguma maneira, direta ou indiretamente, participaram deste trabalho: meu muito obrigado!

"Que todos os nossos esforços estejam sempre focados no desafio à impossibilidade. Todas as grandes conquistas humanas vieram daquilo que parecia impossível."

(Charles Chaplin)

RESUMO

O Jornalismo Digital é caracterizado como a disponibilização de notícias na internet usando todos os recursos que antes eram limitados ao levar informação para o consumidor final. Com a facilidade em tornar-se um emissor de notícias, entender como acontece o processo de seleção e produção de conteúdo é necessário para compreender como os veículos de comunicação digital mantêm a fidelidade e audiência dos seus consumidores. Neste contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar as matérias que tiveram maior visibilidade no site GZH durante os dez dias de julgamento do incidente envolvendo a Boate *Kiss*. A pesquisa qualitativa e bibliográfica foi realizada em cinco matérias caracterizadas pelo portal como as mais lidas durante o julgamento que aconteceu em Porto Alegre do dia 1º ao dia 10 de dezembro de 2021. Com base na análise descritiva dos conteúdos e através das entrevistas realizadas com o gerente-executivo dos jornais e rádio do Grupo RBS, Nilson Vargas, e com o repórter Humberto Trezzi, é possível apontar que as estratégias do GZH visam não só contextualizar os leitores sobre todo o caso, mas também mantê-los conectados em seu portal através de *hiperlinks* que entregam diversos outros tipos de conteúdo.

Palavras-chave: Jornalismo digital. Internet. Conteúdo. Portal. *Hiperlink*.

ABSTRACT

Digital Journalism is characterized as making news available on the internet using resources that used to be limited when bringing information to the final consumer. With how easy it is to become a news broadcaster, understanding how the process of selecting and producing content happens is necessary to comprehend how digital media outlets maintain the audience and fidelity of their consumers. In this context, the present study has the objective of analyzing the production of articles that had the most views on the GZH website during the ten days that involved the trial of the Boate Kiss accident. The qualitative and bibliographical study conducted regarding five articles characterized by GZH as being the most led during the trial that happened in Porto Alegre from December 1st to December 10th of 2021. Based on the descriptive analysis of the content and through interviews performed with the executive manager of the RBS Group newspapers and radio, Nilson Vargas, and with the news reporter Humberto Trezzi, it is possible to point out that the strategies GZH aims at not only contextualize their readers on the case, but also maintains them connected with their portal through hyperlinks that deliver many other types of content.

Keywords: Digital Journalism. Internet. Content. Portal. Hyperlink.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formatos do jornalismo informativo.	19
Quadro 2 - Descrição dos Valores-notícia.....	28
Quadro 3 - Síntese das publicações	38
Quadro 4 - Síntese dos elementos.....	59

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página inicial da cobertura ao vivo.....	40
Figura 2 - <i>Tweet</i> dos acontecimentos no Júri.....	42
Figura 3 - Depoimento Elissandro Callegaro Spohr	44
Figura 4 - Depoimento Luciano Augusto Bonilha Leão	48
Figura 5 - Chegada do réu no Foro de Porto Alegre	52
Figura 6 - Depoimento Kellen Giovana Leite Ferreira	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos	13
1.1.1 Objetivo geral.....	13
1.1.2 Objetivos específicos.....	13
1.2 Justificativa.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Jornalismo	15
2.1.1 Jornalismo Informativo	18
2.1.2 Jornalismo Popular	20
2.2 Jornalismo Digital	22
2.2.1 Portais de notícias.....	25
2.3 Processo produtivo de notícias	27
2.3.1 Produção para Jornalismo Digital.....	29
3 METODOLOGIA	32
4 CONTEXTUALIZAÇÃO	35
4.1 Grupo RBS	35
4.1.1 Rádio Gaúcha	36
4.1.2 Zero Hora	36
4.1.3 GZH.....	36
5 ANÁLISE DESCRITIVA	38
5.1 Boate Kiss: acompanhe o julgamento do caso	39
5.2 “Querem me prender, me prendam. Estou cansado”, diz sócio da Kiss	43
5.3 "Sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem", diz produtor da banda que tocava na Kiss	47
5.4 Réu chora ao chegar, passa mal e é levado à enfermaria antes de júri da Kiss 51	
5.5 "Quando cheguei na porta, caí. Senti meus braços queimarem", diz sobrevivente da Kiss que perdeu o pé na tragédia	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60

REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICES	69
APÊNDICE A - Termo de consentimento informado para os entrevistados	70
APÊNDICE B - Entrevista com repórter GZH Humberto Trezzi	71
APÊNDICE C - Entrevista com o gerente-executivo de jornalismo, jornais e rádio GZH, Nilson Vargas.....	73
ANEXOS	76
ANEXO A – Matéria: "Querem me prender, me prendam. Estou cansado", diz sócio da <i>Kiss</i>.....	77
ANEXO B – Matéria: "Sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem", diz produtor da banda que tocava na <i>Kiss</i>	83
ANEXO C – Matéria: Réu chora ao chegar, passa mal e é levado à enfermaria antes de júri da <i>Kiss</i>	87
ANEXO D – Matéria: “Quando cheguei na porta caí. Senti meus braços queimarem”, diz sobrevivente da <i>Kiss</i> que perdeu o pé na tragédia.....	91

1 INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo, a maneira de comunicar e receber informações sobre o que acontece no mundo passou e segue em um processo de mudanças constantes. Muitas dessas alterações se devem à chegada da internet, da tecnologia e da facilidade em receber e participar dos processos de comunicação. Com o acesso facilitado a equipamentos e dispositivos de disseminação de informação, possivelmente todos os municípios do Rio Grande do Sul contam hoje com pelo menos um veículo de comunicação, seja físico ou virtual.

O que antes era possível a apenas uma parte da população, que tinha acesso a jornais impressos, rádio ou televisão, foi aos poucos disseminando-se à diversas localidades e atingindo milhares de pessoas. A internet traz dispositivos que possibilitam a interação do público com os conteúdos. As pessoas, que no início eram simplesmente receptoras de informação, passaram a ser agentes ativos na formatação dos materiais e na disseminação de conteúdos, e ganharam a capacidade de pautar os veículos.

Por este motivo cabe salientar o que Rudin (2008) explica quando diz que a maioria das pessoas utiliza o jornalismo como um meio de vigilância sobre o que acontece na política, segurança pública e em diversos outros temas de interesse social e cultural. Pois é através da imprensa que as comunidades se mantêm informada e atualizada sobre as novidades da região, estado, país e mundo. Com essa facilidade em tornar-se um emissor de informação e ter a possibilidade de formar opinião pública, para determinadas comunidades tornou-se comum pequenos

municípios terem o seu próprio portal de notícias, que fica responsável por disseminar conteúdos de interesse regional.

Ainda nesta linha, segundo Ferrari (2012), o conteúdo jornalístico tem se tornado um dos principais diferenciais dos grandes portais, devido à capacidade de reunir milhões de pessoas que estão conectadas praticamente em todo o momento e que têm acesso facilitado a todas as novidades divulgadas em rede.

Possivelmente por estes motivos, em um cenário hipotético, grandes grupos de comunicação foram reinventando sua forma de comunicar para garantir a existência e manter credibilidade perante os leitores. A forma de fazer jornalismo também foi sendo adaptada ao longo do tempo. De acordo com Rudin (2008), o jornalismo inclui uma série de processos, desde a seleção, edição e narração dos acontecimentos. Esse trabalho, que antes era realizado por uma equipe, foi aos poucos sendo reduzido a um único profissional. Função essa denominada como repórter multimídia, aquele que, além de trabalhar na busca de pautas, também atua na apuração, edição, produção e publicação de conteúdo.

Portanto, para manter-se atualizado, juntamente com outras formas de mídia, o jornalismo constantemente segue sofrendo modificações. Essas mudanças são decorrentes da expansão da internet, da criação de novos “produtos” digitais e pela fácil capacidade de qualquer pessoa se tornar um comunicador em massa.

Porém, nos casos de coberturas de eventos, julgamentos ou outros fatos de grande repercussão midiática, o profissional jornalista precisa estar preparado para utilizar e comunicar em diversas plataformas e praticamente em tempo real os últimos acontecimentos, estando também aberto à interação do público que pode ou não ser receptivo à forma em que as informações são disseminadas. Exemplo disso é o evento oriundo a partir do acontecimento que marcou a história do Brasil em 27 de janeiro de 2013: um incêndio de grandes proporções na boate *Kiss*, localizada na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, alcançou holofotes nacionais, envolvendo a trágica morte de 242 pessoas, deixando outras 600 feridas.

Os noticiários publicaram uma série de notícias acerca do ocorrido por meses, alcançando o recorte da responsabilização dos envolvidos no incidente, fato que, dado ao clamor social, bem como a gravidade do crime, foi encaminhado ao tribunal. O julgamento arrastou-se no tempo, sendo que o júri se reuniu de 01/12/2021 à 10/12/2021 para culminar o processo com a publicação da sentença.

A mídia exerceu o papel desde o início dos acontecimentos, sendo responsável por informar o público acerca dos últimos acontecimentos do incidente, bem como sobre o curso da investigação e do processo. Nesse alcance, de papel fundamental no que se refere à informação, é importante analisar os caminhos adotados pelos canais de informação, bem como as técnicas envolvidas na escolha e visibilidades das matérias, cativando e atraindo a atenção do leitor.

Para alcançar os objetivos propostos nesta monografia, o estudo está estruturado em seis capítulos. No primeiro são apresentados o tema, a hipótese, problema de pesquisa, objetivos geral e específicos, como também a justificativa. Já o capítulo dois é composto pela fundamentação teórica, cujo propósito é buscar a melhor compreensão dos conceitos envolvidos por meio de dados bibliográficos obtidos junto a autores clássicos e atuais. Entre os temas abordados estão: Jornalismo, Jornalismo Informativo, Jornalismo Popular, Jornalismo Digital e os Portais de notícias.

O capítulo três descreve os procedimentos metodológicos utilizados na realização desta pesquisa qualitativa, como a maneira pela qual os dados foram coletados, o tipo de pesquisa e o tratamento das informações obtidas. Na sequência, o quarto capítulo traz a contextualização do Grupo RBS, empresa de comunicação proprietário do portal de notícias GZH, escolhido como objeto desta monografia. Sendo o próximo capítulo a análise dos conteúdos selecionados e posteriormente as considerações finais.

Ao estudar a temática, parte-se da hipótese de que nos dez dias de julgamento do incidente envolvendo o incêndio da Boate *Kíss* a GZH publicou uma quantidade adequada de reportagens sobre o tema em seu portal de notícias, os quais, em sua maioria, foram pautados e produzidos pelos repórteres que estiveram

no local do julgamento. Acredita-se por sua vez que, de todas as matérias publicadas, as que tiveram maior visibilidade e alcance foram as produzidas e publicadas ao fim do dia, com resumos gerais dos principais fatos transcorridos durante o julgamento.

Diante disso e tendo em vista que tal constatação pode servir de referência para as práticas de definição de pauta e produção de conteúdo para outros portais, traça-se o problema de pesquisa da presente monografia: Como aconteceu o processo de produção e seleção de notícias que foram veiculadas durante os dias 01/12/2021 a 10/12/2021 pela equipe de reportagem do portal GZH para atrair a maior audiência por parte dos leitores?

1.1 Objetivos

Os objetivos esclarecem o que a pesquisa busca alcançar, é o que explica Chemim (2022). A seguir são apresentados o objetivo geral, com a indicação do resultado pretendido pela pesquisa, e os objetivos específicos, voltados ao atendimento de questões mais particulares da pesquisa.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a produção das matérias que tiveram maior visibilidade e foram veiculadas nos dez dias de julgamento do incidente envolvendo o incêndio da Boate Kiss de 01/12/2021 a 10/12/2021 no portal GZH.

1.1.2 Objetivos específicos

a) Verificar, através de autores clássicos e atuais, elementos vinculados ao Jornalismo Informativo e ao Digital.

b) Identificar nas matérias que tiveram destaque publicadas nos canais digitais da GZH as principais características dessas produções, e assim analisar os valores-notícia.

c) Compreender a logística de produção e seleção de conteúdos que foram veiculados no portal GZH.

1.2 Justificativa

A chegada da tecnologia trouxe mudanças na forma de levar informações ao público, e automaticamente na forma de receber informações acerca do que acontece em nossa cidade, estado, país e mundo. Como estudante de Jornalismo, decidi realizar o estudo para ampliar meu conhecimento acerca dos parâmetros que influenciam o público a consumir informação de determinado veículo, sendo que, hoje, com a facilidade em tornar-se comunicador em massa, praticamente todas as cidades possuem um veículo local.

A criação constante de novos aplicativos e dispositivos de distribuição de conteúdo evidenciam a importância da constante atualização dos profissionais que desejam comunicar para o grande público. Com as atualizações provocadas pelo digital, os profissionais deixam de ser apenas repórteres para atuar em todas as frentes de trabalho e levar informação para o público final. Tal estudo serve para destacar a importância do digital aos repórteres e estudantes que pretendem atuar em grandes empresas jornalísticas. Atividades que antes eram realizadas por repórteres, editores, fotógrafos, cinegrafistas e editores são, aos poucos, sendo substituídas por profissionais multimídia que trabalham na busca, apuração e edição e publicação de materiais.

Concordando que a tecnologia veio para aumentar a disseminação dos conteúdos para públicos que antes não eram privilegiados com o acesso à informação, a pesquisa serve também para evidenciar que, mais do que nunca, a tecnologia veio para oferecer mais opções de conteúdo jornalístico às comunidades, contribuindo para que o público se mantenha informado sobre o que acontece no mundo. Com o acesso à informação ficando mais acessível e disponibilizado a todos os públicos, a pesquisa ainda mostra quais os tipos de conteúdo os receptores priorizam na hora de acessar a informação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo está apresentado o embasamento teórico nas áreas de Jornalismo, Jornalismo Informativo, Jornalismo Popular, Jornalismo Digital, Portais de Notícias, Processo produtivo de Notícias e Produção de Notícias para Internet. A leitura de autores clássicos e atuais visa contextualizar os temas a fim de obter maior conhecimento sobre conceitos relevantes para a análise proposta neste estudo. Entre os autores estudados estão: Pena (2005); Traquina (2008); Assis (2010); Ferrari (2012) e Guedes (2018).

2.1 Jornalismo

Considerada a primeira forma de comunicação humana, o Jornalismo, segundo Pena (2012, p. 1), já demonstrava alguns sinais antes da criação dos veículos de comunicação em massa, pois “antes mesmo de adquirir a fala, o homem pré-histórico já se comunicava através de signos não verbais, como gestos e desenhos”. Partindo dessa perspectiva do Jornalismo como uma fonte comunicacional, Bahia (2009) explica que a área consiste em um conjunto de atividades, para poder entregar um produto final. “A palavra jornalismo quer dizer apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação” (BAHIA, 2009, p. 19).

Dentro deste cenário, pode-se dizer que a notícia é a matéria-prima do Jornalismo, pois nas rotinas diárias do jornalista chegam diariamente uma série de informações que passam por critérios de noticiabilidade antes de serem veiculadas. Ainda nesse pensamento, Beltrão (1969, p. 82) caracteriza que a notícia é “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem”. O que corrobora com Pena (2005, p. 71), que caracteriza a notícia como: “tudo que o público necessita saber, tudo que o público deseja falar”, e acrescenta que ela é “a inteligência exata e oportuna dos acontecimentos, descobertas, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores”.

As afirmações vão ao encontro com o que Traquina (2008) declara quando explica que o Jornalismo é como uma enciclopédia da vida, contando-a em todas as suas dimensões. Portanto os jornalistas têm como missão informar a sociedade sobre o que está acontecendo e o que é interessante na vida e no mundo, “O jornalismo pode ser explicado pela frase de que é a resposta à pergunta de que muita gente se faz todos os dias - o que é que aconteceu / está acontecendo no mundo?, no Timor? no meu país?, na minha “terra”?” (TRAQUINA, 2008, p. 20).

Para informar, Clemente (2005) cita que os jornalistas utilizam técnicas que surgiram no século XIX: o lead e a pirâmide invertida. De acordo com a autora, o lead é a principal maneira de introdução de uma notícia, e responde às seguintes questões: o que? (a ação) Quem? (o agente) Quando? (o tempo) Como? (o modo) Onde? (o lugar) Por que? (o motivo):

A ideia central do lead é ser um “chamariz” para prender a atenção do leitor, conduzindo-o aos demais parágrafos da matéria. Os manuais de redação trazem esse padrão de abertura como um modelo a ser seguido por quem busca escrever um bom texto jornalístico (CLEMENTE, 2005, p. 4).

Ainda segundo a autora, a pirâmide invertida serve para deixar a informação mais clara e direta, trazendo no início os dados que merecem maior destaque e o restante das informações no final da notícia.

Ao continuar relatando sobre a estrutura da notícia, Lage (2001) conta que elas ainda ocupam o maior espaço na grande imprensa, e que tem sido o modo recorrente de transmissão de experiência, transportando os fatos que aconteceram em determinado local para aqueles que não o presenciaram. Com o acesso às notícias, Bona (2017) explica que as pessoas detêm poder, pois na sociedade quem consegue mais informação torna-se mais atuante como cidadão e tem mais chances de desenvolver habilidades para resolver problemas cotidianos. O que confirma o pensamento de Christofolletti (2008), que diz que o Jornalismo é um trabalho responsável e ao mesmo tempo fundamental para a evolução das sociedades.

Além do papel de difundir notícias, uma de suas funções principais, Bahia (2009) fala que o Jornalismo absorve muitas outras tarefas na sociedade, como promover o bem comum na comunidade em que está inserida, bem como estimular a troca de ideias entre as pessoas. O que é confirmado por Bona (2017), quando afirma que “além de informar, o jornalismo tem outras missões, como provocar a reflexão” (BONA, 2017, p. 39). Ainda dentro desta perspectiva, o Jornalismo ganhou notoriedade entre o final do século XIX e início do século XX, mediando as informações e sendo um prestador de serviço para atualizar as pessoas sobre o que acontecia na época. É o que explica Benedeti (2009, p. 23) quando diz que:

No que se refere à atividade jornalística, o termo ganha triplo sentido: 1) mediar no sentido de distar, ou seja, de assumir posição independente do que se aborda jornalisticamente; 2) mediar no sentido de repartir em partes iguais, ou seja, não favorecer uma das partes envolvidas; 3) mediar no sentido de transcorrer por dois momentos: do acontecimento para o conhecimento público.

Melo e Assis (2010) falam que o jornalismo brasileiro é dividido em cinco gêneros, sendo: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. A classificação dos gêneros, segundo os autores, serve para orientar os leitores sobre o tipo de texto que eles terão acesso. Medina (2001) afirma também que os gêneros servem como um diálogo entre o veículo de comunicação e o leitor, pois é através das exigências dos leitores que os veículos vão se modificando.

Ainda segundo Medina (2001), grande parte dos jornais brasileiros utiliza apenas quatro tipos de gêneros para levar informações aos leitores, sendo o informativo, preocupado em relatar os fatos da forma mais objetiva possível; o

interpretativo, que além de informar, procura interpretar os fatos; o opinativo, que expressa um ponto de vista a respeito dos fatos; e o entretenimento, que são informações que visam à distração dos leitores.

Neste primeiro tópico abordou-se a origem do Jornalismo, suas diferentes formas de atuação perante as comunidades, além das técnicas de lead e pirâmide invertida utilizadas pelos jornalistas na construção das notícias. O próximo tópico aborda o Jornalismo Informativo e suas diferentes formas de classificação dentro dos veículos de comunicação.

2.1.1 Jornalismo Informativo

Desde o seu início, uma das funções atribuídas ao Jornalismo foi informar a comunidade por meio do relato de fatos. Com isso, Assis (2010, p. 18) destaca que a informação é a base do jornalismo, e que sem ela não há como ter notícia, “é indiscutível a afirmação de que o primeiro gênero a figurar na imprensa mundial, já no século XVII, foi o informativo”.

Com isso, a linguagem utilizada nesse gênero jornalístico é específica, segundo Cotta (2005), quando explica que o Jornalismo Informativo é o vocabulário básico selecionado pelos veículos de comunicação de qualquer idioma por sua simplicidade, clareza de conteúdo, além da forma direta e objetiva de noticiar ao público tudo o que acontece ao seu redor.

Sobre exercer a função de comunicar a sociedade acerca dos acontecimentos, Bahia (2009) afirma que a missão do jornalista deve ser informar, de forma independente, o máximo possível sobre os fatos. Os veículos e os jornalistas devem ter veracidade, objetividade, honestidade, imparcialidade, exatidão e credibilidade.

Ao assumir o compromisso de ser independente, um veículo corresponde à exigência do público de que seja responsável e digno na medida das expectativas dos que o leem, o ouvem ou o veem. Não é indispensável um documento para consagrar, basta que isso seja comprovado na prática (BAHIA, 2009, p. 22).

Para contextualizar as notícias que são oferecidas pelos veículos de comunicação, Melo e Assis (2010) classificam o gênero informativo em quatro formatos. Todos eles têm como objetivo levar a informação ao receptor, porém com ângulos diferentes: nota, notícia, reportagem e entrevista, conforme descrito no Quadro 1.

Quadro 1 - Formatos do jornalismo informativo.

Formato	Classificação
Nota	Relato de acontecimentos que está em processo de configuração. Nem todos os elementos da notícia (AÇÃO - AGENTE - TEMPO - LUGAR - MODO - MOTIVO) são conhecidos. Trata-se de um “furo”: antecipação de um fato que pode gerar notícia. Nutre-se dos boletins informativos difundidos pelas fontes. É mais frequente no rádio, na televisão e na internet.
Notícia	Relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. Contém necessariamente respostas às perguntas de Quintiliano (QUE + QUEM + QUANDO + COMO + ONDE + POR QUE), transformadas em fórmula jornalística (3Q + CO + PQ). Narrado em “pirâmide invertida”, compõe-se de duas partes: “cabeça” (lead) e “corpo” (body). Privilegia o “clímax” (sensação) evitando a “cronologia” (nariz de cera).
Reportagem	Relato ampliado de acontecimentos que produziu impacto no organismo social (desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos). Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o “modo”, o “lugar” e “tempo”, além da captação das “versões” dos “agentes”. De autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho de equipe.
Entrevista	Relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos. Não se confunde com a técnica de “apuração” dos fatos. Configura uma espécie de relato da alteridade, dando “voz” aos “agentes” da cena jornalística. O repórter assume a função de “mediador”, assumindo empaticamente o papel de “intérprete” do receptor.

Fonte: Melo e Assis (2010, p. 55).

Segundo os autores, cada um dos itens possui características próprias dentro dos veículos de comunicação. Essas características os tornam únicos, ainda que equiparado a qualquer outro formato do mesmo gênero. Rodrigues (2003) conta que o Jornalismo brasileiro está baseado em ideias e regras que foram trazidas dos Estados Unidos para as redações locais:

Lide e a técnica de redação em pirâmide invertida racionalizam e organizam a construção dos textos informativos. As orientações para as informações factuais do jornalismo impresso seguem principalmente esses modelos. A reportagem de tema factual, ou não, oportuniza ao profissional a construção de um texto diferenciado, mas que deve ser coerente com o objetivo de informar, capaz de prender o leitor e, ainda, ser aprazível, possibilitando também a compreensão do que é expresso nas linhas da matéria (RODRIGUES, 2003, p. 15 e 16).

Ao realizar sua função de ser um agente transmissor de informação, Amaral (2006) observa que as notícias não são simplesmente o reflexo do que acontece. O autor explica que, elas podem sofrer interferência conforme o posicionamento do veículo de comunicação, razões relacionadas ao tempo ou até mesmo o tipo de abordagem que o jornalista responsável pela pauta decidiu dar à ocorrência.

Tratado neste capítulo, o Jornalismo Informativo esclarece como cada tipo de informação é levada para o público final. Suas características e a forma em que é construída. O próximo tópico aborda a denominação que alguns veículos de comunicação podem levar ao tentar atrair a atenção do leitor através de títulos ou imagens.

2.1.2 Jornalismo Popular

Embora muitas considerações sobre este tipo de Jornalismo tenham o classificado como sensacionalista, Amaral (2006) prefere denominar de Jornalismo Popular àquele que é destinado aos públicos das classes “B”, “C” e “D”. Corroborando com essa classificação, Noblat (2004) simplifica que a boa notícia é aquela que vende, e que para isso os jornalistas priorizam principalmente as notícias negativas.

O único aspecto levado em conta pelo público para classificar um veículo como sendo ou não sensacionalista, segundo Longhi (2005), é se ele se enquadra ou não nos moldes do Jornalismo de referência. Com isso, Arbex Jr. (2005) pontua que jornais especializados em determinados assuntos, como economia e política, por exemplo, podem dar pouca ou nenhuma importância para temas que são amplamente divulgados na imprensa popular.

O relato de ações que indicam audácia, irreverência, questionamentos e até mesmo a inversão da realidade é o que o público considera como sensacionalismo, é o que explicam Berthier e Silva (2012). Já Amaral (2006) esclarece que por tentar atrair a atenção dos leitores, os jornais populares não devem ser classificados como sensacionalistas, pois eles utilizam estratégias jornalísticas para seduzir o leitor e ainda assim oferecem informação de qualidade. “Cabe ao jornalismo popular ser interessante ao público e não só responder ao que imagina que seja o desejo do público” (AMARAL, 2006, p. 131).

Essas estratégias, segundo Noblat (2004), são a receita para que os veículos de comunicação sobrevivam em meio às classes B”, “C” e “D”, pois o público possui mais interesse em notícias que prendam sua atenção e despertam a curiosidade. O autor ainda cita o caso de um jornal da França, que no século XX tentou atrair a atenção dos leitores apenas com a divulgação de notícias positivas e rapidamente teve a falência decretada.

A notícia está no curioso, não no comum; no que estimula conflitos, não no que inspira normalidade; no que é capaz de abalar pessoas, estruturas, situações, não no que apascenta ou conforma; no drama e na tragédia e não na comédia ou no divertimento” (NOBLAT, 2004, p. 31).

Ainda nesta perspectiva, Angrimani (1995) classifica que alguns tipos de matérias veiculadas pela imprensa para atrair a atenção dos leitores pode ser classificada como *fait divers*, pois elas buscam o fato curioso e inesperado para manter o interesse do público. Assim, Longhi (2005) defende que o Jornalismo popular é um tipo de Jornalismo que procura representar e informar determinada parcela de uma população, retratando e veiculando notícias que sejam do seu interesse de uma maneira mais acessível a ela. Tal pensamento vai ao encontro da afirmação de Amaral (2006, p. 59), quando diz que “as pessoas leem jornais não apenas para se informar, mas também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem partícipes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que todo mundo fala”.

Neste tipo de notícia, Longui (2005) destaca que os jornalistas buscam dar destaque principalmente para histórias populares e acontecimentos que aparecem descontextualizados do dia a dia. Neste sentido, Corrêa e Dias (2008) destacam que

os veículos de comunicação que figuram entre os populares destacam-se pelo seu estilo de levar a informação. “Notícias curtas e um discurso com termos de fácil compreensão. Nesse sentido, o agendamento temático desses órgãos é voltado estritamente às questões de grande interesse social” (CORRÊA; DIAS, 2008, p. 12).

A superexposição da violência através de coberturas policiais, publicação de fotos chocantes ou a utilização de gírias na hora de levar à informação são explicados por Amaral (2006) como as técnicas utilizadas pelos jornais para atrair mais leitores. Porém esses procedimentos ficam relacionados ao sensacionalismo. Ainda de acordo com a autora, é preciso deixar de lado a ideia de que os veículos de comunicação destinados às classes populares trazem apenas conteúdos degradantes, pois eles moldam o seu conteúdo informativo de acordo com as características que são compreensíveis pelos seus leitores, mas isso não os exime de suas responsabilidades éticas.

As estratégias utilizadas para captar leitores para os jornais populares foram os temas trabalhados neste subtítulo. O próximo capítulo aborda o imediatismo e a instantaneidade oferecidos pelo Jornalismo disponibilizado na internet.

2.2 Jornalismo Digital

Ao longo das duas últimas décadas, diversos termos surgiram para designar o Jornalismo que utiliza como suporte o World Wide Web (www), entre eles Guedes (2018) cita webjornalismo, jornalismo digital, jornalismo on-line e jornalismo na web. Neste tipo de jornalismo, a autora comenta que, além do auxílio na produção de notícias, o computador atua também como plataforma para a circulação das mesmas para os leitores.

O Jornalismo Digital, segundo Guedes (2018), está mais ligado à forma ágil de circulação de notícias na rede, fazendo com que o material jornalístico flua de modo contínuo e praticamente de forma instantânea. Desde o início, o Jornalismo sempre buscou aproximar-se da ideia de imediatismo e instantaneidade, tendo os veículos de comunicação, segundo Guimarães et al. (2013), o objetivo de transmitir

as notícias o mais rápido possível, convencendo o público de sua eficiência e acesso tecnológico.

Na medida em que surgem e se popularizam, novas tecnologias vão alterando os processos de produção e consumo do material jornalístico. No início do século XX o jornalismo conquistou o espaço do rádio, em meados do mesmo século foi introduzido na programação das recém criadas emissoras de TV, e no final do século, com a popularização da internet, veio a necessidade de se adaptar à internet” (GUIMARÃES ET AL, 2013, p. 2).

Antes da multimidialidade, aliada a instantaneidade de publicação dos conteúdos, Ward (2006) conta que o rádio era o meio de comunicação mais imediatista até a popularização da internet, porém algumas emissoras não transmitiam notícias durante todo o dia, utilizando blocos para atualizar o público acerca das últimas informações. Esses blocos, segundo o autor, podem ser antecipados com o conhecido “interrompemos nossa programação para transmitir um comunicado importante”.

Ainda de acordo com o mesmo autor, ao utilizar a palavra “interromper”, as emissoras afirmam que só podem divulgar uma informação por vez, parando a transmissão de um determinado conteúdo, como uma entrevista, por exemplo, para dar espaço a outro, situação que na internet não acontece:

Na web existe o potencial de se atualizar notícias, showbiz e quaisquer outras páginas, simultânea e repetidamente, minuto a minuto, para apresentar as últimas notícias como informações confidenciais sobre um pop star. Um único site de notícias pode divulgar inúmeras atualizações sobre reportagens a cada poucos minutos (WARD, 2006, p. 22).

Com a chegada da era digital, Bona (2017), explica que o Jornalismo nunca mais será o mesmo, pois o tempo e o espaço de veiculação das informações já não fazem mais tanta diferença. “Graças a internet, podem-se reunir em um único ambiente o texto escrito, a fotografia, o som, a animação e o infográfico. Na cobertura de um assunto específico que merece ampla abordagem, é possível o uso de todos esses suportes” (BONA, 2017, p. 213, 214).

O primeiro site jornalístico brasileiro, segundo Ferrari (2012), foi o Jornal do Brasil, criado em 1995, seguido pela versão eletrônica do Jornal O Globo. Pena (2005) explica que o jornalismo na internet revolucionou as relações profissionais e

as próprias rotinas de produção jornalística, fazendo com que várias pessoas migrassem para o digital, que também é conhecido como webjornalismo, jornalismo online e ciberjornalismo. A disponibilização desses materiais na chamada rede mundial de computadores “pode ser definido como a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual, o ciberespaço, organizadas de forma hipertextual com potencial multimidiático e interativo” (PENA, 2005, p. 176).

O Jornalismo online, segundo Mielniczuk apud Lima (2014), foi se desenvolvendo com o passar do tempo até chegar ao formato que conhecemos, passando por três estágios:

A primeira etapa era quando os jornais apenas transportavam para rede o jornal impresso e o site era atualizado a cada 24 horas. A segunda fase é marcada pelo fato dos jornalistas começarem a utilizar dos recursos oferecidos pela internet, como os links, fotos, vídeos e áudios. Por fim, o terceiro passo é quando a internet se populariza e empresas começam a se dedicar especificamente para este suporte, são sites jornalísticos que abusam da ideia do jornal impresso na versão web e, ainda, aproveitam da multimídia e da interatividade, como os chats, blogs, fóruns de discussão, entre outros (MIELNICZUK APUD LIMA, 2014, p. 18).

De acordo com Ferrari (2004), pesquisas apontam que o público que acessa notícias on-line tende a ser mais ativo do que o de veículos tradicionais. Isso porque além de aceitar passivamente o que é apresentado, o internauta pode buscar informações adicionais ao conteúdo que acessou. Ainda nesta perspectiva, Rasêra (2010) pontua que, com o avanço da internet, os jornais perceberam uma nova oportunidade de distribuir informações, “Sites noticiosos passaram a não somente reproduzir o conteúdo divulgado em sua versão impressa, mas também a disponibilizar informações adicionais sobre o assunto que não foram incluídas na versão impressa” (RASÊRA, 2010, p. 3).

Ainda entre as características do Jornalismo Digital, Vieira et al. Pavlik (2019), citam que o gênero conta com: hipertextualidade, capaz de interligar um texto com outro através de links utilizados dentro da própria notícia; multimidialidade, que permite que o repórter coloque em uma única matéria elementos de som, imagem e animação gráfica; interatividade, que possibilita que o leitor comente e compartilhe a notícia; memória, permite que o leitor busque materiais que já foram produzidos anteriormente pelo veículo de comunicação; e instantaneidade, que possibilita que o

veículo acrescenta informações a qualquer momento e torne sua cobertura mais ágil do que os demais.

Com isso, Guimarães et al. (2013) comentam que os veículos de comunicação tradicionais precisaram adaptar-se à nova linguagem, “Emissoras de televisão e rádio também passaram a disponibilizar suas produções na rede mundial de computadores, e novas modalidades de jornalismo estão se desenvolvendo no âmbito da internet” (GUIMARÃES et al., 2013, p. 4).

Este tópico abordou principalmente a disponibilização de materiais jornalísticos na rede mundial de computadores, chamado de jornalismo digital, webjornalismo, jornalismo online e ciberjornalismo. A seguir aborda-se a transformação da categoria para portais de notícias visando atrair maior quantidade de leitores.

2.2.1 Portais de notícias

Em 1997, na busca de aprimorar os sites já existentes, Ferrari (2012) cita que começou a ser utilizado o termo “portal”. O intuito era ser uma “porta de entrada” para os internautas, com chamadas na página principal para atrair o leitor através de conteúdos chamativos e que, no ponto de vista do jornalista, possam ser interessantes. Ainda segundo a autora, para poder ser classificada como portal, uma página de internet precisa ter algumas características específicas, como por exemplo, ter um campo de busca, uma parte destinada à previsão do tempo, entre outras.

A concepção de portal no jornalismo, de acordo com Barbosa apud Lima (2014), surgiu nos Estados Unidos com objetivo de aumentar o número de usuários utilizando configurações que permitissem maior interatividade do leitor e que os veículos conseguissem classificar os conteúdos conforme as editorias.

Os portais passaram a incluir categorias de acordo com seu conteúdo – esporte, saúde, religião, mundo, etc. Os portais têm como intenção tornarem-se pontos de partidas para os internautas, se transformando em um instrumento essencial para o jornalismo digital, pela sua personalização do conteúdo, interatividade e dinamismo do noticiário. Com milhões de usuários simultâneos, às vezes, até mais que a própria televisão em seu horário de maior audiência (BARBOSA APUD LIMA, 2014, p. 20).

Com os portais, Guedes (2018) afirma que o público, além de uma série de conteúdos jornalísticos, passou também a ter acesso a diversos serviços, programação cultural e um banco de dados que oferece hipertextos, áudios e vídeos. Assim, Herscovitz (2009) menciona que os portais mais bem-sucedidos no Brasil estão geralmente ligados a grandes grupos de mídia que também atuam em outras frentes, como rádio e jornalismo impresso, pois com isso conseguem recursos suficientes para manter o jornal devido à sua credibilidade manter e atrair novos leitores.

Com base no princípio da proximidade da informação, Guedes (2018, p.154) diz que em 1999 foram criados no Brasil os portais locais. “Direcionados para cidades ou estados específicos, eles buscam oferecer conteúdo jornalístico original, interessante e relevante a seus usuários”. Com isso, segundo a autora, o crescimento no número de portais fez surgir um novo campo de atuação para os jornalistas que precisaram adaptar-se e compreender o ambiente que atuavam.

No que diz respeito ao conteúdo disponibilizado pelos portais, Barbosa (2001) explica que nas notícias geralmente não são tão extensas, ficando entre apenas três e quatro parágrafos e muitas vezes com hipertextualidade, remetendo a conteúdo do próprio site. Assim, Ferrari (2004) conclui que o potencial desta nova mídia se tornou instrumento essencial para o Jornalismo contemporâneo e que está começando a moldar os produtos editoriais, oferecendo interatividade com grande abrangência e sem custo para o leitor.

Ainda neste sentido, Barbosa (2001) completa que a interatividade com os veículos pode ser percebida nos portais “através das caixas de “comente esta matéria”, através de e-mail direto à redação e também por meio de uma opção de dar notas a matérias ou a determinado evento relacionado no site” (BARBOSA, 2001, p. 9).

Essa interatividade ficou ainda mais acessível com a popularização dos smartphones e tablets, é o que explicam Guimarães et al. (2013) ao falarem sobre a adaptação dos materiais jornalísticos para aplicativos de dispositivos móveis, a fim de facilitar a entrega ao consumidor final e oferecer um layout mais apropriado para a entrega da informação.

A utilização de aplicativos por parte dos meios de comunicação é bastante recente, mas tem sido grandemente popularizada. Muitos jornais e revistas, assim como redes de televisão e emissoras de rádio, têm adaptado seus conteúdos para serem acessados em smartphones e tablets. (GUIMARÃES et al., 2013, p. 5).

Neste contexto, Adghirni (2002) comenta que hoje os principais sites de notícias estão sempre em busca de divulgar a informação quase em tempo real e que os veículos mais importantes de comunicação se transformaram em agências de notícias. “As notícias são as mais variadas, do sequestro ao acidente de trânsito, da denúncia de corrupção ao jogo de futebol, da queda na bolsa de Valores à inauguração de uma escola” (ADGHIRNI, 2002, p. 2). Assim, fatos que antes disputariam espaço na mídia impressa vão conquistando a noticiabilidade em veículos de comunicação digitais, que elimina distância e o tempo entre o fato e a divulgação do fato.

Este capítulo abordou a instantaneidade que o Jornalismo online oferece aos leitores, além da capacidade de divulgar mais informações do que a mídia impressa e atingir um número maior de leitores. No próximo tópico aborda-se o processo de produção de notícias para os veículos de comunicação e as informações levadas em conta na hora de publicar ou não uma notícia.

2.3 Processo produtivo de notícias

No processo de produção das notícias, os jornalistas devem fazer seleções sobre o que publicar, é o que explica Silva (2014) quando expõe que os veículos de comunicação não têm espaço para noticiar a infinidade de informações que são geradas diariamente. Com isso, Pena (2005) cita que “os jornalistas se valem de

uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, tem critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos” (PENA, 2005, p. 71).

A clássica afirmação do jornalista Charles Dana “Quando um cachorro morde uma pessoa, isso não é notícia, mas quando uma pessoa morde um cachorro, isso sim é notícia” expõe algumas características entre o que é notícia e o que não é, além de ressaltar que aquilo que é comum é pouco noticiável. Assim, Guerra (2014), considera o valor-notícia usado pelos jornalistas como um critério de seleção das informações para reconhecer e avaliar se determinada informação pode ou não ser noticiada.

Os valores-notícia funcionam, portanto, como idealizações do espectador real, a partir dos quais os jornalistas podem supor qual é o seu interlocutor, esforçando-se para adequar a sua oferta de informações aos interesses presumidos de sua audiência (GUERRA, 2014, p. 43).

Esse critério de seleção, para Traquina (2000), é um aspecto fundamental da cultura profissional dos jornalistas, pois são os conjuntos de noticiabilidade que os profissionais levam em consideração quando vão produzir o material jornalístico. Com isso, Amaral (2006) declara que os valores-notícia podem variar e se misturar de forma permanente conforme o estatuto de cada veículo de comunicação. Ainda segundo a autora, a classificação dos valores-notícia pode ser feita em:

Quadro 2 - Descrição dos Valores-notícia

Imprensa referência	• os indivíduos envolvidos forem importantes; • tiver impacto sobre a nação; • envolver muitas pessoas; • gerar importantes desdobramentos; • for relacionado a políticas públicas; • puder ser divulgado com exclusividade.
Imprensa popular	• possuir capacidade de entretenimento; • for próximo geográfica ou culturalmente do leitor; • puder ser simplificado; • puder ser narrado dramaticamente; • tiver identificação dos personagens com os leitores (personalização); • for útil.

Fonte: Do autor, com base em Amaral (2006, p. 63)

Todo o fato relevante que desperta o interesse público é considerado notícia de acordo com Noblat (2004). Segundo o autor, os jornalistas são pagos para

descobrir boas histórias e contá-las da melhor forma, independentemente de como. A afirmação vai ao encontro do que Schmitz (2011) declara quando fala que os jornalistas, no papel de selecionador de informações, são quem vão decidir se os fatos interessam ou não ao público consumidor.

Neste item abordou-se o trabalho jornalístico e os critérios levados em consideração pelos jornalistas na hora de divulgar ou não as informações. No próximo tópico será abordado a transformação dos processos produtivos de notícias para o jornalismo digital.

2.3.1 Produção para Jornalismo Digital

No princípio do Jornalismo, Noblat (2004) diz que o único meio de levar informação através dos jornais era o texto. Com isso, os jornalistas tinham apenas esse meio para levar a informação ao consumidor final. Com a chegada da informática, o autor cita que a infografia e os desenhos passaram a fazer parte da forma de informar a população. Por isso é importante estar sempre atento aos preciosos recursos que a informática oferece.

Assim, cada vez mais os jornalistas deparam-se com técnicas para levar conteúdo para o consumidor final. Segundo Chistofori (2006), o uso de imagens, sons, vídeos, animações e texto leva mais movimento na hora de transmitir a mensagem. “O jornalismo digital apresenta um leque de oportunidades para o profissional da área transformar a forma de produzir a notícia e construir a mensagem, além de mudar, principalmente, a forma em que o leitor recebe este contexto” (CHISTOFORI, 2006, p. 58).

O conteúdo passou a ser a palavra do momento, é o que explica Ferrari (2012), quando defende que são eles os responsáveis pela proliferação e crescimento dos sites, já que os internautas estão mais em busca de conteúdo do que de serviços. “Os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa - textos, fotos e gráficos.

Pode-se adicionar sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas” (FERRARI, 2012, p. 39).

Assim, os jornalistas ganharam mais autonomia na hora de publicar uma informação. Com acesso à dispositivos móveis, Guimarães et al. (2013) dizem que o trabalho jornalístico ficou mais dinâmico:

As tecnologias móveis estão se inserindo gradualmente no campo do jornalismo. Pode-se dizer que, hoje, aparelhos como smartphones e tablets estão sendo cada vez mais usados por profissionais da comunicação para a produção da notícia e para a sua difusão. (GUIMARÃES et al., 2013, p.12).

Com essa produção simplificada de notícias, Silva e Mattos (2018) explicam que a grande quantidade de informação gerada diariamente pelos veículos de comunicação on-line nem sempre podem significar qualidade e credibilidade. “Diante disso, é importante ressaltar os critérios de noticiabilidade, inclusive com mais atenção no jornalismo online visto que a circulação de informações neste meio de comunicação ocorre com grande velocidade” (SILVA; MATTOS, 2018, p. 11).

Embasada por uma pesquisa de 2015, Guedes (2018) falou que 66% dos jornalistas entrevistados pelo grupo holandês ING consideram mais importante publicar as notícias em primeira mão do que realizar o trabalho de checagem das informações. “Algo preocupante, visto que é papel do jornalista confrontar, checar e comprovar a veracidade das informações a que tem acesso (GUEDES, 2018, p. 242).

Ao procurar informações jornalísticas, Lopes e Bonisem (2019) expõem que atualmente o público possui contato direto com os profissionais da imprensa, sendo capazes de fornecer, exigir e ainda participar da criação noticiosa. Diante deste novo cenário, os jornalistas acabam produzindo conteúdo para todas as plataformas e atendendo a todas as demandas.

A valorização da imagem segue sendo um dos fatores mais importantes para a prática jornalística, é o que diz Dejavitte (2006) quando explica que após o sucesso da televisão e a chegada da internet acostumaram o público a receber a notícia de uma forma mais cênica. “Hoje em dia, informar é mostrar a história em curso, a

história acontecendo, ou, em outras palavras, fazer o público assistir (se possível, ao vivo) aos acontecimentos” (DEJAVITE, 2006, p. 68).

A proximidade provocada entre jornalistas e leitores com o jornalismo digital, segundo Silva e Matos (2018), é um dos pontos positivos da era tecnológica, pois os portais de notícias trouxeram o recurso da notícia em tempo real, com chamadas de últimas notícias ou *breaking news*, não sendo mais necessária a espera por uma publicação:

O jornalista na era digital precisa ser: “Dinâmico, “antenado”, atento, presente nas redes sociais, ágil e preciso. As matérias na web têm a questão do tempo, mas tem como segurar. Se demorar um pouco a publicar a matéria, e o concorrente postar primeiro, na web estará muito próximo ao concorrente” (SILVA; MATOS, 2018, p. 18).

Neste sentido, com o desenvolvimento tecnológico, Guimarães *et al.* (2013) falam que as tecnologias possibilitam maior instantaneidade ao trabalho jornalístico, pois os profissionais podem executar suas atividades em diferentes espaços, atualizar as informações em portais e até mesmo fazer transmissões ao vivo sem estar no espaço físico de uma redação.

Neste tópico foi abordada a transformação tecnológica que as ferramentas digitais ofereceram ao trabalho jornalístico e o laço de proximidade que pôde ser criado entre jornalistas e leitores. A seguir é descrito o desenvolvimento metodológico utilizado na pesquisa. Autores como Richardson (1999), Marconi e Lakatos (2010) e Gil (2012) dão embasamento aos processos que foram adotados.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados os processos metodológicos para esclarecer a realização da pesquisa. Autores clássicos e contemporâneos são utilizados como base para exemplificar as escolhas.

Para atingir os objetivos propostos, é utilizado o método qualitativo, uma vez que não se tem a intenção de obter resultados estatísticos e precisos. Segundo Sampieri *et al.* (2013, p. 376) “o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto”. Ainda neste sentido, Richardson (1999) explica que este tipo de pesquisa é capaz de compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, além de, em maior nível de profundidade, entender as particularidades do comportamento dos indivíduos.

Para analisar as matérias veiculadas nos dez dias de julgamento¹ do incidente envolvendo o incêndio da Boate *Kiss* de 01/12/2021 a 10/12/2021 no portal GZH e quais tiveram maior visibilidade, que é o objetivo geral deste estudo, foi feito um estudo descritivo e exploratório. Sampieri *et al.* (2013) explicam que as pesquisas descritivas buscam detalhar como são e como se manifestam alguns fenômenos, situações, contextos e eventos. Ainda segundo os autores, os estudos descritivos

¹ Em agosto de 2022, o Tribunal de Justiça decidiu anular o júri que condenou os réus por mortes na boate *Kiss*. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2022/08/tribunal-de-justica-decide-anular-juri-que-condenou-reus-por-mortes-na-boate-kiss-cl6dzbmb3006k017pbufbelh2.html>

“pretendem unicamente medir ou coletar informação de maneira independente ou conjunta sobre os conceitos ou as variáveis a que se referem” (SAMPIERI *et al.*, 2013, p. 102). Para se cumprir o objetivo proposto, que é entender como aconteceu o processo de produção e seleção de notícias que foram veiculadas durante os dias 01/12/2021 a 10/12/2021 pela equipe de reportagem do portal GZH para atrair a maior audiência por parte dos leitores, a seleção das matérias aconteceu no mês de julho de 2022 e foram analisados cinco conteúdos produzidos pelo GZH indicados pelo veículo como sendo os de maior alcance de leitores.

A pesquisa é classificada como exploratória, pois busca nas matérias publicadas no portal elementos em comum que possam chamar a atenção do público que acessa o site. De acordo com Gil (2012), o objetivo de fazer este tipo de pesquisa é aproximar-se o máximo do objeto estudado, familiarizar-se com o assunto para que seja possível a construção de hipóteses. Este tipo de pesquisa ocorre principalmente quando o tema escolhido foi pouco explorado.

É caracterizada também como estudo bibliográfico, já que serão utilizados conteúdos publicados por autores clássicos e atuais. Marconi e Lakatos (2010) explicam que este tipo de estudo coloca o pesquisador em contato direto com os materiais que trazem informações sobre o que está sendo estudado. “A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 166).

Pode ainda ser classificada como pesquisa documental, pela caracterização dos materiais que serão analisados. Fachin (2003) considera que este tipo de pesquisa inclui toda coleta, classificação e seleção de informações de forma oral, escrita ou visualizada. “Considera-se documento qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais em papel/madeira/pedra, gravações, pintura, incrustações e outros” (FACHIN, 2003, p. 136).

Conforme descrito anteriormente, os conteúdos analisados foram produzidos entre os dias 1º de dezembro de 2021 e 10 de dezembro de 2021, já a seleção aconteceu em julho de 2022 e para isso foram escolhidas as seguintes manchetes:

Boate *Kiss*: acompanhe o julgamento do caso; “Querem me prender, me prendam. Estou cansado”, diz sócio da *Kiss*; “Sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem”, diz produtor da banda que tocava na *Kiss*; Réu chora ao chegar, passa mal e é levado para enfermaria antes do júri da *Kiss*, e “Quando cheguei na porta, caí. Senti meus braços queimarem”, diz sobrevivente da *Kiss* que perdeu o pé na tragédia.

Para compreender os critérios adotados na seleção de pauta durante os dias 01/12/2021 a 10/12/2021 foi realizada uma entrevista com o gerente-executivo Jornalismo, Jornais e Rádio do Grupo RBS, Nilson Vargas, e com o repórter Humberto Trezzi, que atuaram na cobertura do caso. Para Marconi e Lakatos (2010), a entrevista é um procedimento utilizado para a coleta de dados que auxiliam em algum no diagnóstico ou tratamento de alguma situação. As entrevistas podem ser caracterizadas como entrevista por pautas, já que tiveram uma prévia preparação por parte do entrevistador acerca do assunto a ser explorado, “Esta preferência por um desenvolvimento mais flexível da entrevista pode ser determinada pelas atitudes culturais dos respondentes ou pela própria natureza do tema investigado” (GIL, 2012, p. 112).

Os resultados coletados são uma amostra não probabilística, pois, segundo Marconi e Lakatos (1999), eles não podem servir como objetos para determinados tipos de pesquisa. O resultado é por acessibilidade, explicado por Gil (2012), que é um estudo onde não é requerido um elevado nível de precisão. “O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo” (GIL, 2012, p. 94).

Este capítulo apresentou o processo metodológico utilizado na produção desta monografia. O próximo capítulo contextualiza o objeto de estudo descrevendo o Grupo RBS, a Rádio Gaúcha e o jornal Zero Hora (ZH) até a fusão das duas redações até ser criado o portal GZH.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO

A seguir, para contextualizar o estudo, aborda-se o Grupo RBS, considerado atualmente um dos maiores grupos multimídia do Brasil, a Rádio Gaúcha que foi o embrião do grupo multimídia em 1957, o jornal Zero Hora, também conhecido por ZH e o portal GZH, lançado em 2017 convergindo o conteúdo jornalístico da Rádio Gaúcha e do jornal Zero Hora na internet.

4.1 Grupo RBS

O Grupo RBS foi fundado em 1957 pelo empreendedor Maurício Sirotsky Sobrinho. Conforme informações disponibilizadas no site oficial da empresa, o grupo é considerado uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil, sendo ainda a maior afiliada da Rede Globo.

Produzindo conteúdos e entretenimento para rádio, televisão, jornal e plataformas digitais, o Grupo RBS tem como propósito “fazer jornalismo e entretenimento que conectam os gaúchos e contribuem para uma vida melhor”.

Nas mídias tradicionais, suas emissoras de televisão e de rádio e seus jornais, somam 12 marcas que estão presentes em todas as plataformas e são considerados líderes de mercado no Rio Grande do Sul.

4.1.1 Rádio Gaúcha

Fundada em maio de 1927 e adquirida em 1957 por Maurício Sirotsky Sobrinho, a Rádio Gaúcha foi o primeiro veículo de comunicação do Grupo RBS. Operando em AM e FM, a Rádio Gaúcha, além da sede em Porto Alegre, conta também com unidades próprias em Santa Maria, Pelotas e Caxias do Sul, com grade de programação local, além da programação em rede.

Considerada líder em audiência no meio rádio, um dos focos principais da emissora são as *breaking news*, informando com agilidade os grandes acontecimentos no Estado, no país e no mundo.

4.1.2 Zero Hora

Fundado em maio de 1964, o jornal Zero Hora, também conhecido por ZH, é um jornal de circulação diária. Sua edição é realizada em Porto Alegre e, de acordo com informações do site do Grupo RBS, conta com 11 cadernos, mais de 70 colunistas e equipes segmentadas que atuam na busca de fatos e notícias do estado, do Brasil e do mundo.

Em maio de 2014, ao completar 50 anos, o jornal Zero Hora fez uma profunda reformulação editorial, gráfica e de marca, tanto no papel quanto no online. Essas mudanças deram início a um ciclo de reposicionamento e transformação.

4.1.3 GZH

O jornal digital GZH² foi lançado pelo Grupo RBS em 2017. O ambiente virtual reúne a instantaneidade e a interatividade da rádio Gaúcha com a profundidade e a análise do jornal Zero Hora. Ele também conta com conteúdo exclusivos no digital. Com essa fusão, os antigos websites dos dois veículos foram desativados e, com a

² Inicialmente o portal era chamado de GaúchaZH. A partir de um reposicionamento de marca, realizado em 2020, ele passou a ser chamado de GZH. <https://www.gruporbs.com.br/nossas-marcas/2/gzh>

união em um único espaço, passou a permitir a produção de conteúdo exclusivos de ambos para o meio digital.

O portal foi desenvolvido principalmente para ser acessado via celular. Sua navegação facilitada possibilita que os usuários tenham acesso à programação da rádio Gaúcha além de poderem ler, assistir vídeos e interagir, ao vivo, via *Whatsapp* e *Facebook Live* com jornalistas.

Conta também com conteúdo disponíveis apenas para assinantes. Eles são identificados com o selo “exclusivo”. Os vídeos que antes eram disponíveis em uma área específica passam a fazer parte das narrativas dentro das reportagens. As edições diárias do jornal Zero Hora estão disponíveis para serem folheadas por assinantes.

Atualmente, o GZH pode ser acessado por meio de navegador em computadores ou através do uso de aplicativos para *tablets* e *smartphones*.

5 ANÁLISE DESCRITIVA

Neste capítulo encontra-se a análise descritiva dos cinco conteúdos indicados pelo GZH como os mais acessados no portal. A indicação foi feita em junho de 2022 e leva em consideração as publicações que já estavam disponíveis aos leitores.

Quadro 3 - Síntese das publicações

Data	Manchete	Síntese da notícia
01/12/2021 a 10/12/2021	Boate <i>Kiss</i> : acompanhe o julgamento do caso	Uma espécie de feed de rede social, com pequenas notas, fotos e vídeos que eram publicados em tempo real e narrava os últimos acontecimentos que envolviam o caso.
08/12/2021	“Querem me prender, me prendam. Estou cansado”, diz sócio da <i>Kiss</i>	Reportagem que aborda alguns pontos do depoimento de um dos réus do caso. Elissandro Callegaro Spohr, um dos sócios da boate <i>Kiss</i> .
09/12/2021	“Sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem”, diz produtor da banda que tocava na <i>Kiss</i>	Reportagem que traz, na íntegra, trechos do depoimento do produtor da banda que tocava na boate na noite do incidente.
01/12/2021	Réu chora ao chegar, passa mal e é levado à enfermaria antes de júri da <i>Kiss</i>	A notícia relata o momento da chegada dos réus no local que aconteceu o julgamento do caso <i>Kiss</i> . Um dos acusados precisou de atendimento médico na chegada ao Foro de Porto Alegre e a ação foi filmada por um dos repórteres do portal GZH.
01/12/2021	“Quando cheguei na porta, caí. Senti meus braços queimarem”, diz sobrevivente da <i>Kiss</i> que perdeu o pé na tragédia	Reportagem que aborda o depoimento de uma das sobreviventes do incidente. No conteúdo, encontra-se um carrossel que mostra as sequelas deixadas pela tragédia na vítima.

Fonte: Do autor (2022)

Os conteúdos analisados, listados abaixo, são classificados como reportagens e notícias. A análise levou em consideração os estudos realizados com base nos autores clássicos e atuais e com as entrevistas realizadas com os profissionais do veículo.

5.1 Boate Kiss: acompanhe o julgamento do caso

O material considerado o mais lido do portal GZH durante os dez dias de julgamento do caso *Kiss* funcionou como uma espécie de perfil de *Twitter* ou linha do tempo. No endereço eletrônico, o público era constantemente abastecido com notas, vídeos e imagens sobre o que acontecia no julgamento e também dos bastidores do local que sediava o mais longo júri da história do Rio Grande do Sul.

Figura 1 - Página inicial da cobertura ao vivo



Fonte: Imagem capturada pelo autor (2022) no dia 25/10/2022

Pela variedade de material utilizado no portal, o conteúdo também foi aproveitado nos demais veículos que integram a redação integrada do Grupo RBS (jornais Zero Hora, Diário Gaúcho e Rádio Gaúcha). Essa coletânea de informações foi sendo abastecida ao longo dos dez dias de julgamento com informações de todos os repórteres que estavam atuando no caso.

O conteúdo produzido pela equipe de reportagem do Grupo RBS era publicado de forma direta neste canal e permitia ao leitor ter acesso instantâneo sobre os últimos acontecimentos do júri. Conforme o gerente-executivo de jornalismo, jornais e rádio GZH, Nilson Vargas, os *“conteúdos iam sendo combinados em tempo real entre os repórteres no local e os editores dos veículos”* (VARGAS, 2022).

Diversas publicações eram realizadas diariamente no endereço, relatando ao leitor detalhes minuciosos sobre o que acontecia na sala de julgamento. Publicações sobre pontos marcantes dos depoimentos e até mesmo as reações dos familiares que acompanhavam o julgamento eram pautas para as pequenas postagens.

As publicações eram realizadas pelo perfil oficial de GZH no endereço eletrônico e em diversos casos acontecia uma espécie de *repost*³ dos perfis particulares dos profissionais que estavam no Foro de Porto Alegre⁴. As publicações eram também intercaladas pela divulgação das grandes reportagens produzidas pelo Grupo RBS.

³ Termo utilizado nas redes sociais e significa “repostar” ou publicar novamente. Essa ação é basicamente uma maneira simples para que o usuário publique bons conteúdos, divulgando/compartilhando postagem de terceiros que por algum motivo seja interessante para seus seguidores ou para sua marca. Disponível em: <[⁴ Foro de Porto Alegre foi o local que sediou o julgamento do caso Kiss.](https://beeweb.com.br/blog/o-que-e-e-como-fazer-um-repost-no-instagram-sem-ter-problemas-com-a-legislacao-de-direitos-autorais#:~:text=A%20palavra%20%E2%80%9Crepost%E2%80%9D%20%C3%A9%20um,novamente%2C%20pela%20tradu%C3%A7%C3%A3o%20do%20ingl%C3%AAs.>”. Acesso em: 23 nov. 2022.</p></div><div data-bbox=)

Figura 2 - Tweet dos acontecimentos no Júri



Fonte: Imagem capturada pelo autor (2022) no dia 25/10/2022

As postagens menores que aconteciam ao longo do dia neste canal serviram também como base para as grandes reportagens que foram produzidas durante o julgamento. No encerramento de cada um dos dez dias de cobertura o veículo realizava um resumo que informava o leitor sobre os principais acontecimentos do dia.

A metodologia de trabalho utilizada pelos repórteres do Grupo RBS confirma o que Guimarães *et al.* (2013) cita quando afirma que, no jornalismo digital, o uso de tecnologias possibilita maior instantaneidade ao trabalho jornalístico, pois os repórteres podem executar suas atividades em diferentes ambientes e atualizar as informações sem estar no espaço físico da redação.

Com a utilização destas ferramentas, os conteúdos foram sendo distribuídos aos leitores de forma instantânea e, segundo Vargas (2022), ao mesmo tempo em que os repórteres iam atualizando o público com as informações ao vivo, eles iam trabalhando em reportagens mais elaboradas, que resumiam os principais pontos dos depoimentos e considerações dos advogados dos réus.

A explicação justifica a quantidade de reportagens com diversos trechos dos depoimentos que foram publicadas pelo GZH durante o julgamento do caso.

5.2 “Querem me prender, me prendam. Estou cansado”, diz sócio da Kiss

Produzida no oitavo dia de julgamento, a reportagem já chama a atenção em seu título, pois traz parte de um intenso depoimento de um dos acusados no caso *Kiss*. Com o trecho “Querem me prender, me prendam”, o repórter responsável pela diagramação do conteúdo, Carlos Rollsing, já incentiva o leitor a acessar a página e conferir o conteúdo na íntegra. Ele provoca a curiosidade dos leitores em saber mais informações sobre o depoimento do réu, que era considerado um dos mais aguardados durante os dez dias de julgamento.

Figura 3 - Depoimento Elissandro Callegaro Spohr



GZH GERAL

JÚRI EM PORTO ALEGRE / NOTÍCIA

"Querem me prender, me prendam. Estou cansado", diz sócio da Kiss

Em momento de desespero e choro, Elissandro Spohr afirmou, aos prantos, que perdeu amigos, funcionários e que jamais desejou causar mal

08/12/2021 - 20h19min
Atualizada em 09/12/2021 - 07h01min

COMPARTILHE: [f](#) [t](#) [e](#)

CARLOS ROLLISING
[Ver Perfil](#) [Enviar E-mail](#)

Kiss: depoimento de Kiko

Um desenlace mais breve do que o esperado no depoimento das últimas quatro testemunhas permitiu que a fase dos interrogatórios dos réus começasse às 18h07min desta quarta-feira (8), no **júri da boate Kiss**, com a inquirição do acusado **Elissandro Callegaro Spohr**. Ele era o sócio que tocava o dia a dia da casa noturna onde um incêndio matou 242 pessoas e feriu outras 636 no dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria.

Fonte: Imagem capturada pelo autor (2022) no dia 25/10/2022

Além de explicar que o personagem em destaque na reportagem era o sócio que administrava a casa noturna de Santa Maria, o repórter trouxe no conteúdo os pontos mais marcantes do depoimento. De forma evidente no encerramento leitura,

Rollsing utilizou um dos valores-notícia descritos por Amaral (2006) quando encerra falando que o júri será retomado na manhã seguinte, incentivando o leitor a continuar acompanhando a cobertura do veículo.

Durante a leitura, percebe-se que os conteúdos que tratavam sobre os réus do caso eram elaborados com mais trechos de fala, trazendo pontos do depoimento que permitiam ao leitor entender todo o contexto da apuração. Segundo Vargas (2022), todo o material prévio foi planejado pelo grupo RBS, desde o momento em que seria realizada a apuração até o momento da publicação.

Com a explicação, é possível entender as principais características trabalhadas pelo repórter nos primeiros parágrafos, pois o vídeo utilizado na reportagem, com duração de 2 minutos e 55 segundos, traz em imagens os trechos mais importantes do depoimento do réu. O vídeo com imagens transmitidas pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul conta com quatro *takes* que são aprofundados pelo repórter ao longo da matéria. Além disso, no texto, Rollsing descreve em detalhes o que acontecia na sala de julgamento, como por exemplo os horários de início, pausa e encerramento.

No 13º parágrafo, o repórter narra sobre um questionamento feito pelos juízes ao réu sobre o uso de fogos de artifício realizados pela banda em casas noturnas. Rollsing cita que em entrevistas realizadas antes o réu havia dito que não havia presenciado pirotecnia nas apresentações do conjunto musical. Porém, esta parte não possui um *hiperlink* que direciona os leitores a conferir alguma dessas entrevistas, possivelmente porque o veículo não havia realizado uma matéria o tema.

Segundo Vargas (2022), o grupo RBS trabalha com um banco de *hiperlinks* com objetivo de garantir um pano de fundo ajuda o leitor a entender o contexto mais amplo das notícias produzidas por eles.

Como destaque de ilustração, a produção jornalística conta com uma foto do réu que complementa o título da matéria e contribui para atrair ainda mais a atenção do leitor e provocar a curiosidade em ler o conteúdo. A imagem, produzida pelo

fotógrafo Jefferson Botega, da Agência RBS, mostra uma cena de “desespero” do réu na sala de júri.

Mesmo o Jornalismo Digital permitindo que uma única pessoa faça a cobertura completa, sendo denominado como repórter multimídia, como comenta Rudin (2008), o GZH optou por deslocar fotógrafos que tinham como foco somente a produção de imagens.

Na reportagem foram utilizados dois *hiperlinks* que direcionam o leitor para outros conteúdos produzidos pelo próprio GZH. O primeiro, Júri da boate Kiss⁵, leva os internautas até a página onde estão todos os últimos *tweets* com informações sobre o incêndio. Já o segundo, com o nome do réu Elissandro Callegaro Spohr⁶, leva os leitores a uma reportagem produzida pelo GZH cerca de um mês antes do início do julgamento e conta como seria a estratégia de defesa do acusado.

O trabalho de produção de matérias antes do início do julgamento foi explicado por Vargas (2022) como uma estratégia do grupo RBS para contextualizar os leitores sobre o andamento do júri.

Um mês antes do júri já começamos a produzir reportagens. Recuperamos a linha do tempo do fato e dos dez anos de espera pelo júri, localizamos personagens como profissionais que trabalharam no atendimento das vítimas, familiares, sobreviventes, policiais que investigaram, promotores que analisaram o inquérito, o juiz que começou a tratar do caso em Santa Maria e todos que pudessem ajudar a recontar a história (VARGAS, 2022).

Todos os materiais produzidos pelo GZH antes, durante e após o julgamento da Kiss seguem disponíveis para os leitores na *tag* Boate Kiss, que é liberada para assinantes do portal.

⁵ Direcionamento do hiperlink:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/12/ao-vivo-acompanhe-o-julgamento-do-caso-kiss-ckwnfb5qa000n016fedl5z7rl.html>

⁶ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/11/a-menos-de-um-mes-de-ser-julgado-socio-da-kiss-fala-sobre-estrategia-de-defesa-e-a-rotina-nos-anos-apos-o-incendio-ckvpu2ivn003d017fbhz2u650.html>

5.3 "Sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem", diz produtor da banda que tocava na Kiss

A reportagem produzida no penúltimo dia de julgamento provoca a curiosidade de quem acessava o portal por conter uma parte do depoimento de um dos réus do caso *Kiss*. No entanto, quando começa a ser escrita, o repórter responsável pela produção, Humberto Trezzi, utiliza uma linguagem mais poética, falando sobre os momentos que antecederam o início do júri.

Figura 4 - Depoimento Luciano Augusto Bonilha Leão



INCÊNDIO EM SANTA MARIA / NOTÍCIA

"Sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem", diz produtor da banda que tocava na Kiss

Luciano Augusto Bonilha Leão foi o segundo réu a depor a respeito da morte de 242 pessoas na maior tragédia da história gaúcha

09/12/2021 - 10h10min
Atualizada em 09/12/2021 - 12h21min

COMPARTILHE: [f](#) [t](#) [e](#)

HUMBERTO TREZZI
[Ver Perfil](#) [Enviar E-mail](#)

Kiss: Luciano Bonilha Leão

Um longo abraço na mãe e nas irmãs foi dado por Luciano Augusto Bonilha Leão, 43 anos, antes de começar a falar sobre o episódio mais traumático da sua vida. Ele é um dos quatro acusados pelo [incêndio na boate Kiss](#), em [Santa Maria](#), que matou 242 pessoas. E o segundo réu a prestar depoimento no [júri](#), que ingressa no nono dia, nesta quinta-feira (9).

Fonte: Imagem capturada pelo autor (2022) no dia 25/10/2022

Por ser considerado um fato que não encerra com uma simples notícia, Trezzi, além de produzir as pequenas notas para os *tweets* publicados no GZH, também redigiu a reportagem, caracterizada pelo GZH como a terceira mais lida

durante o julgamento, com os principais momentos do depoimento de Luciano Augusto Bonilha Leão.

A ilustração do conteúdo é feita com um vídeo, com duração de 8 minutos e 40 segundos com imagens divulgadas pelo Tribunal de Justiça. O material conta com trechos do depoimento que são aprofundados no texto produzido por Trezzi. Além disso, uma foto feita pelo fotógrafo Lauro Alves da Agência RBS, mostra o que o repórter começou contando em seu texto: o abraço dado pelo réu em sua mãe.

Embora o vídeo seja considerado longo em relação aos demais divulgados pelo portal na mesma cobertura, durante a reprodução do mesmo encontram-se trechos do depoimento que não são narrados pelo repórter em seu texto.

Outras abordagens divulgadas no texto também não são reproduzidas no vídeo e nas imagens. Esse estilo de levar informação vai ao encontro do que é falado por Vieira *et al.* Pavlik (2019), quando cita que em coberturas jornalísticas o repórter tem a possibilidade de utilizar uma série de elementos para aproximar o leitor do que está sendo presenciado pelo emissor da informação. Assim como Melo e Assis (2010), que também abordam as características utilizadas por Trezzi quando falam que uma reportagem aprofunda os fatos de maior interesse público, pois exigem, do repórter, descrições sobre o “modo”, o “lugar” e “tempo”, além da captação das “versões” dos “agentes” que estão envolvidos na história.

Para facilitar a compreensão dos leitores quando as notícias eram acessadas, o GZH, além de recuperar uma linha do tempo sobre o fato, teve como percepção colocar dentro do tribunal repórteres que acompanharam o caso *Kiss* desde o incêndio em 2013, ou profissionais que já haviam estudado sobre o caso e tinham informações detalhadas sobre os acontecimentos e que os qualificavam para produzir as reportagens.

Com mais oportunidades de acesso à *hiperlinks* do que outros conteúdos caracterizados como os mais lidos pelo portal durante o julgamento do caso, o GZH direciona os leitores somente a páginas dentro do próprio veículo. Neste conteúdo em específico, nem todos os acessos levam a informações envolvendo o caso *Kiss*.

É o exemplo de Santa Maria⁷ que, ao clicar no direcionamento, o leitor é levado para a página onde é possível acessar as últimas informações sobre o município.

Os demais *hiperlinks* todos levam a informações sobre o incêndio e ao julgamento, como Incêndio na boate Kiss⁸ que permite que o leitor tenha acesso às últimas informações produzidas pelo portal sobre o caso. Os *tweet* sobre os últimos acontecimentos do julgamento podiam ser acessados através desta matéria no *hiperlink* Juri⁹.

Ao clicar em nove deles foram usados artefatos pirotécnicos¹⁰, os internautas que acompanham o GZH podem conferir uma matéria onde é possível ter acesso a um resumo sobre o sétimo dia de julgamento do caso.

Conforme Vargas (2022), os veículos do grupo RBS trabalharam em conjunto para a cobertura. Uma reportagem exclusiva produzida pelo impresso Zero Hora em janeiro de 2014 abordou sobre como as famílias que foram vitimadas pela tragédia lidam não só com o luto, mas com a permanente sensação de ausência dos familiares mortos no incêndio. O conteúdo na íntegra pode ser acessado através do redirecionamento disponível em Familiares dos mortos na Kiss¹¹.

A última matéria produzida no primeiro dia do julgamento do caso também pode ser acessada através da publicação. Por envolver uma situação do mesmo réu, o leitor pode acompanhar mais informações sobre ele, o depoimento e as situações que aconteceram fora da sala de júri clicando em Crise de choro¹².

⁷ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/santa-maria/>

⁸ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/boate-kiss/>

⁹ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/12/ao-vivo-acompanhe-o-julgamento-do-caso-kiss-ckwnfb5qa000n016fedl5z7rl.html>

¹⁰ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/12/microfones-desabilitados-situacao-legal-da-boate-artefatos-pirotecnicos-e-bate-boca-como-foi-o-setimo-dia-de-juri-da-kiss-ckwwnahu1008z014c9lajfxfr.html>

¹¹ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/12/ausencias-reveja-reportagem-de-zh-que-marcou-um-ano-do-incendio-na-kiss-ckwyvmcxo000x014cq8wsm5qr.html>

¹² Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/12/reu-chora-ao-chegar-passa-mal-e-e-levado-a-enfermaria-antes-de-juri-da-kiss-ckwnlc5o7003k014c7ea4sljm.html>

5.4 Réu chora ao chegar, passa mal e é levado à enfermaria antes de júri da Kiss

O material produzido no primeiro dia de julgamento, diferentemente da grande parte dos demais conteúdos envolvendo o caso Kiss, não conta com a identificação do repórter. A divulgação sobre a chegada de um dos réus, Luciano Bonilha Leão, no Foro de Porto Alegre, chamou a atenção por ele precisar de atendimento médico antes de iniciar o julgamento.

Figura 5 - Chegada do réu no Foro de Porto Alegre

Figura 5 is a screenshot of a news article from GZH GERAL. The article is titled "Réu chora ao chegar, passa mal e é levado à enfermaria antes de júri da Kiss" (Defendant cries upon arrival, feels unwell and is taken to the infirmary before the Kiss trial). The article is dated 01/12/2021 - 10h54min and was updated on 01/12/2021 - 13h15min. It includes a video player showing Luciano Bonilha Leão, ex-producer of the band Gurizada Fandangueira, arriving at the Central Court of Porto Alegre. The video is titled "Luciano Bonilha chega ao Foro Central" and shows him being escorted by security personnel. The article text states that Luciano Bonilha Leão was one of the first of the four defendants to arrive at the Central Court of Porto Alegre on Thursday morning, where the trial of the Kiss case is taking place. He was accompanied by lawyers and did not speak to the press.

VÍDEO / NOTÍCIA

Réu chora ao chegar, passa mal e é levado à enfermaria antes de júri da Kiss

Luciano Bonilha Leão, ex-produtor da banda Gurizada Fandangueira, chegou ao Foro Central acompanhado pelos advogados e não falou com a imprensa

01/12/2021 - 10h54min
Atualizada em 01/12/2021 - 13h15min

COMPARTILHE: [f](#) [t](#) [e](#)

GZH GZH

Luciano Bonilha chega ao Foro Central

Ex-produtor da banda Gurizada Fandangueira, Luciano Bonilha Leão foi um dos primeiros entre os quatro réus a chegar ao Foro Central de Porto Alegre, na manhã desta quarta-feira (1º), onde ocorre o julgamento do [caso Kiss](#). Ele estava acompanhado por advogados e não falou com a imprensa.

Fonte: Imagem capturada pelo autor (2022) no dia 25/10/2022

Podendo ser caracterizado como uma notícia, pois traz respostas às perguntas que Melo e Assis (2010) consideram essenciais para um material jornalístico, o conteúdo é ilustrado com um vídeo feito de forma amadora,

possivelmente por um aparelho celular, que mostra o exato momento em que um dos acusados chegou ao local do julgamento.

Com este material, o repórter conseguiu ilustrar especificamente o que ele chamou no título da matéria. Além disso, a gravação demonstra o que Chistofori (2006) afirma quando diz que o jornalista do meio digital tem a sua disposição um leque de oportunidades para construir a mensagem que deseja transmitir.

No conteúdo do texto, o repórter descreve que o réu passou mal por ter um pico de pressão alta na chegada ao Foro. A justificativa por produzir uma notícia deste gênero no portal, pode ser explicada pelo fato de que o grupo RBS orientou os repórteres a abastecer a programação de rádio, ao vivo, com pequenas narrações sobre o que acontecia no local do julgamento.

Segundo Vargas (2022), essa produção acontecia de forma paralela, enquanto os profissionais também preparavam as matérias consolidadas, que são as que contém os depoimentos dos réus, advogados e juiz do caso.

Tendo a matéria sido produzida antes do início do julgamento, o repórter optou por informar aos leitores quem são os quatro réus do caso *Kiss*, e em tópicos descreve quem são eles e os advogados responsáveis por sua defesa durante o julgamento.

Para poder situar os leitores sobre como aconteceria o maior júri da história do Rio Grande do Sul, o profissional que diagramou o conteúdo optou por utilizar um infográfico¹³, descrevendo em detalhes o plenário da audiência. Informações sobre endereço e o local onde ficariam o magistrado, assessora do magistrado, promotoria, assistente de acusação, jurados, réus, oficiais de justiça e representantes de defesa na sala de julgamento foram ilustrados na imagem.

Também, no infográfico, foram disponibilizadas aos leitores informações sobre o juiz e alguns dos profissionais que acompanharam o julgamento. Essa forma

¹³ Ferramenta que serve para transmitir informações através do uso de imagens, desenhos e demais elementos visuais gráficos. Disponível em <<https://www.significados.com.br/infografico/>>. Acesso em 1 dez. 2022.

O infográfico deste conteúdo encontra-se nos anexos.

de levar a mensagem para o consumidor é citado por Christofori (2006), e possibilita ao repórter um leque de oportunidades para poder construir a sua mensagem facilitando o entendimento do receptor.

Em sua reprodução, o conteúdo jornalístico apresenta três *hiperlinks* que direcionam o leitor a outros materiais produzidos pelo GZH. O primeiro, Ex-produtor da banda Gurizada Fandangueira, Luciano Bonilha Leão¹⁴ leva os internautas a uma reportagem que havia sido produzida pelo portal cerca de 15 dias do início do julgamento. O material, produzido pelos repórteres Eduardo Matos e Humberto Trezzi, fez parte da série de materiais que o grupo RBS começou a publicar um mês antes do júri para relembrar o caso para os leitores.

O segundo *hiperlink*, caso Kiss¹⁵, leva o leitor para a página inicial onde está disponível todo o conteúdo produzido pelo GZH envolvendo a boate. A estratégia é descrita por Vargas (2022) como uma forma de garantir que o leitor possa entender de forma mais ampla o contexto das grandes reportagens, oferecendo a ele acesso a outros conteúdos sobre o mesmo tema.

O terceiro, Quatro homens irão a julgamento no caso Kiss¹⁶, leva o leitor a uma reportagem que havia sido produzida na noite anterior ao início do julgamento pelo repórter Carlos Rollsing. O conteúdo esclarece ao leitor como seria realizado os dez dias de julgamento. Assim, este conteúdo, embora curto e não faça referência a nenhum dos depoimentos, permite que o leitor tenha uma boa referência do caso, entregando a ele todas as alternativas para ter acesso ao julgamento e possibilitando um resgate sobre os últimos conteúdos produzidos pelo portal que relembre o leitor da tragédia de 2013.

¹⁴ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/11/ex-produtor-da-banda-fala-sobre-ansiedade-por-juri-da-kiss-relembra-noite-do-incendio-e-cita-conversa-com-pai-de-vitimas-ckw1192f0089014c60j09m3b.html>

¹⁵ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/boate-kiss/>

¹⁶ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/12/entenda-como-sera-o-julgamento-do-caso-kiss-ckwmo4uzb00cj014clyji0poi.html>

5.5 "Quando cheguei na porta, caí. Senti meus braços queimarem", diz sobrevivente da Kiss que perdeu o pé na tragédia

A reportagem produzida na noite do primeiro dia de julgamento traz em seu título parte do depoimento comovente de uma sobrevivente do caso que estava sendo ouvida no julgamento. De forma indireta, o repórter responsável pela produção do material, Carlos Rollsing, provoca a curiosidade do leitor em saber como foi o depoimento na íntegra.

Figura 6 - Depoimento Kellen Giovana Leite Ferreira

CAPA GZH

GZH

GERAL

1º DIA DE JULGAMENTO / NOTÍCIA

"Quando cheguei na porta, caí. Senti meus braços queimarem", diz sobrevivente da Kiss que perdeu o pé na tragédia

Depoendo na condição de sobrevivente, Kellen Giovana Leite Ferreira foi acompanhada de sete amigos na fatídica festa, dos quais três faleceram

01/12/2021 - 22h14min

Atualizada em 02/12/2021 - 19h40min

COMPARTILHE:

CARLOS ROLLSING

Ver Perfil

Enviar E-mail

Kiss: Depoimento Kellen Ferreira

Kellen Giovana Leite Ferreira era frequentadora da [boate Kiss](#), em [Santa Maria](#). Na madrugada de 27 de janeiro de 2013, ela estava na festa que acabou com 242 mortos e 636 feridos após o incêndio. Ela estava acompanhada de sete amigos, dos quais três morreram. Chamada a depor na condição de sobrevivente no [primeiro dia do júri da Kiss](#), nesta quarta-feira (1º), Kellen mostrou que carrega profundas marcas do sinistro. Ela queimou 18% do corpo e perdeu o pé. Hoje usa uma prótese. Precisou de 78 dias de internação no [Hospital de Clínicas](#), em [Porto Alegre](#), para se recuperar dos danos, embora jamais tenha se livrado das sequelas. No depoimento no Foro Central I, na Capital, local do júri, relatou traumas psicológicos, além dos físicos.

Fonte: Imagem capturada pelo autor (2022) no dia 25/10/2022

Diferente dos materiais realizados durante os demais dias de julgamento, este conteúdo traz algumas informações adicionais ainda sobre o fato ocorrido em 2013, como por exemplo o número total de vítimas fatais e o número de feridos durante o incêndio.

Logo após o título da reportagem, o diagramador responsável pela publicação da matéria no portal disponibilizou o vídeo com trechos do júri fornecidos pelo Tribunal de Justiça. Nele é possível acompanhar a comoção de Kellen Giovana Leite Ferreira ao prestar seu depoimento na condição de sobrevivente da tragédia.

Além da ilustração em forma de vídeo, é também disponibilizado aos internautas uma galeria com quatro fotos da sobrevivente mostrando sequelas do incêndio. As imagens foram produzidas pelo repórter fotográfico Jefferson Botega, da Agência RBS.

Essa galeria contempla imagens que são descritas pelo repórter durante o seu texto. Ele cita momentos de comoção da sobrevivente e situações em que ela evidencia as marcas que ficou após a tragédia na boate. Os fatos que passavam no júri seguiam um fluxo onde os conteúdos, após a produção pelo repórter, passavam pelos editores do veículo antes de serem publicados. O fato da escolha de uma galeria de imagens nesta reportagem pode ter sido feita através de uma negociação dos principais gestores do veículo com a equipe de distribuição digital, que é responsável pela manutenção de capas, redes, *pushes*¹⁷ e *newsletter*¹⁸ dos portais do grupo RBS.

Com intuito de indicar aos leitores sobre as condições vividas por Kellen, Rollsing cita os 78 dias de internação que a vítima passou no Hospital de Clínicas em Porto Alegre, e a quantidade de cirurgias necessárias para tentar diminuir as sequelas deixadas pelo incidente. Além disso, ele evidencia no texto todo o tempo

¹⁷ Pushes são notificações que aparecem na tela do celular. Normalmente são enviadas por sites ou por aplicativos instalados em smartphones e funcionam independentemente de estar com o aplicativo ou site aberto. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/09/o-que-e-notificacao-push-saiba-como-ativar-no-android-e-iphone-ios.ghml>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

¹⁸ Estratégia de marketing usada por uma empresa ou veículo. Consiste em e-mails com assuntos interessantes como textos relevantes sobre determinado tema. Tem por objetivo envolver o leitor e conquistar a sua audiência. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/05/o-que-e-newsletter-veja-como-funcionam-e-mails-informativos-de-empresas.ghml>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

em que a vítima ficou hospitalizada, e que os procedimentos médicos realizados por ela não foram suficientes para apagar, em seu corpo, as marcas deixadas pela madrugada do incidente.

Neste conteúdo, apenas no primeiro parágrafo, o portal utilizou *hiperlinks* para levar o público a acessar outras informações. Ao clicar em Boate Kiss¹⁹ os internautas eram direcionados à página onde estão as últimas notícias que envolvem o incidente.

Como em outras reportagens dentro do portal, nem todos os redirecionamentos levam os leitores até notícias sobre o mesmo assunto. É o caso dos links colocados em Santa Maria²⁰ e Porto Alegre²¹ que levam o leitor a acessar as últimas notícias dos municípios e Hospital de Clínicas²², que leva o leitor a informações da área de saúde, uma temática totalmente diferente da já trabalhada na notícia.

Já os *tweets* realizados pela equipe de reportagem que estava cobrindo o julgamento é possível acessar clicando em primeiro dia de júri da Kiss²³.

¹⁹ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/boate-kiss/>

²⁰ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/santa-maria/>

²¹ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/ultimas-noticias/>

²² Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/hospital-de-clinicas/>

²³ Direcionamento do hiperlink: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/12/ao-vivo-acompanhe-o-julgamento-do-caso-kiss-ckwnfb5qa000n016fedl5z7rl.html>

Quadro 4 - Síntese dos elementos

Matéria mais lida	Hiperlinks	Vídeo	Galeria	Fotos	Infográfico	Valor Notícia
Primeira ²⁴	-	-	-	-	-	-
Segunda	2	02:55	x	1	x	Envolve muitas pessoas e gera grandes desdobramentos
Terceira	6	08:40	x	1	x	Gera importantes desdobramentos e pode ser narrado dramaticamente
Quarta	3	00:34	x	x	1	Gera importantes desdobramentos
Quinta	5	07:12	1	4	x	Pode ser narrado dramaticamente

Fonte: Do autor (2022), baseado em Amaral (2006)

Neste capítulo foram realizadas as análises dos cinco conteúdos indicados pelo portal GZH como os mais lidos durante o julgamento do caso *Kiss* e o estudo das entrevistas realizadas com o gerente de Jornalismo, Jornais e Rádio GZH, Nilson Vargas e com o repórter de GZH Humberto Trezzi. A seguir encontram-se as considerações finais sobre este estudo.

²⁴ Conteúdo não contabilizado, pois acumulava todas as divulgações realizadas pela equipe de reportagem do Grupo RBS que estava atuando na cobertura do caso Kiss.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da apropriação de ideias dos autores estudados na pesquisa bibliográfica e com base na análise das entrevistas, traça-se alguns apontamentos sobre o Jornalismo Digital e a série de oportunidades que ele oferece na distribuição de conteúdo com objetivo manter a fidelidade de leitores.

Levando em consideração as afirmações dos autores e os depoimentos dos entrevistados, é possível compreender como aconteceu o processo de produção e seleção de notícias que foram veiculadas durante os dias 01/12/2021 a 10/12/2021 pela equipe de reportagem do portal GZH para atrair a maior audiência por parte dos leitores.

Como mencionado no estudo, as informações disponibilizadas na internet fogem do texto tradicional oferecido pelos jornais impressos, da locução de notícias no rádio e da divulgação de imagens na televisão. A *web* permite que, em uma mesma plataforma de distribuição de conteúdo, o repórter possa utilizar textos, fotos, infográficos, vídeos e ilustrações para contextualizar o leitor e fazer com que o mesmo se sinta no local em que os fatos estão acontecendo.

Assim, é possível afirmar que a disponibilização de notícias na internet veio não para substituir os meios de comunicação já existentes, mas para agregar e oferecer novas oportunidades no acesso às notícias, oferecendo também diferentes canais de difusão para os grupos de mídia. Prova disso é a ligação de alguns portais

de notícias como o GZH, estudado nesta monografia, estarem vinculados a grandes e reconhecidos grupos de comunicação, este, no caso, com o Grupo RBS.

Dessa forma, como Guedes (2018) defende que o Jornalismo Digital se refere à forma ágil de divulgar informações, os grupos de comunicação apostam neste meio de distribuição de conteúdo fazendo com que o material jornalístico flua de maneira instantânea. A distribuição inicial pode ser realizada através de pequenas notas até que sejam produzidas as grandes reportagens.

Na análise dos materiais, constata-se verídica a afirmação de Adghirni (2002) que diz que os principais sites de notícias estão sempre em busca de divulgar a informação em tempo real. Durante os dez dias de julgamento, o GZH disponibilizou para os internautas uma espécie de rede social, em que eram divulgadas notas sobre os acontecimentos do caso. Sendo este considerado o conteúdo mais acessado do portal no período de julgamento, torna-se compreensível que os leitores querem estar sempre informados sobre as últimas informações de casos que geram importantes desdobramentos.

Essa divulgação de notas, imagens, vídeos e *hiperlinks* abastecidos pela equipe de reportagem de forma instantânea aconteceu de forma paralela à produção de grandes reportagens que continham trechos de depoimentos e as declarações dos acusados e do juiz que atuou no caso.

Verifica-se ainda que grande parte dos materiais divulgados pelo GZH foram produzidos pelos repórteres que estavam no local do julgamento. Informações sobre o acesso de pessoas à sala de audiência, pequenas citações sobre depoimentos ou vídeos que retratavam o que estava acontecendo no Foro de Porto Alegre foram disponibilizados ao leitor enquanto as grandes matérias passavam pela linha de produção do grupo.

As postagens de GZH tinham como objetivo informar os leitores sobre o “ao vivo” e provocar a curiosidade, mantendo-os ligados no site para acompanhar as reportagens que ainda seriam disponibilizadas. Essa estratégia torna o trabalho dinâmico para os repórteres e facilita a compreensão pelos leitores, pois é através

de todos os recursos disponíveis na *web* que eles têm a possibilidade de se sentirem participantes do fato que está sendo noticiado.

Com base na análise realizada com as entrevistas sobre a forma de produzir conteúdo para o GZH, é possível compreender a logística de organização do trabalho editorial do portal. O Grupo RBS mantém um padrão organizacional com a equipe de reportagem, fazendo com que os mesmos produzam matérias para a mídia impressa, internet e também sejam capazes de abastecer a equipe que trabalha com rádio.

Foi através das pequenas notas publicadas no portal que a equipe que estava ao vivo na rádio conseguiu passar aos ouvintes as últimas informações sobre o caso *Kiss*. Os conteúdos instantâneos abastecidos pelos repórteres eram destacados com trechos de depoimentos, manifestações de pessoas que acompanhavam o julgamento e acesso dos réus e outras pessoas tanto no Foro de Porto Alegre como também na sala que acontecia o julgamento.

Os conteúdos caracterizados como mais elaborados pelos repórteres, como por exemplo as grandes reportagens com trechos dos depoimentos e o resumo final sobre cada ação do julgamento, foram produzidas de forma paralela ao abastecimento ao vivo e escritas por profissionais com amplo conhecimento no assunto abordado. Com a prática adotada pelo Grupo RBS, ao acessar qualquer página que envolva situações envolvendo o caso *Kiss* o leitor consegue adquirir amplo conhecimento em relação às questões do incêndio, julgamento e anulação do caso. Essa forma de sistematizar os leitores auxilia a manter a fidelidade dos internautas no GZH.

A disponibilização de *hiperlink* que direciona o público para a página geral, onde encontram-se todas as notícias relacionadas ao caso *Kiss*, contribuiu para que o conteúdo seja considerado o mais lido durante o julgamento. Além disso, a disponibilização dos conteúdos segue uma linha cronológica que permite ao leitor fazer uma linha do tempo desde o incidente até a anulação do júri.

Assim, o trabalho de análise sobre o processo de produção das matérias produzidas pelo GZH durante o período provoca uma reflexão sobre as estratégias que são utilizadas por um dos maiores grupos de comunicação em seu portal de notícias.

O estudo não determina o fim das investigações sobre o assunto, pois com ele é possível afirmar que o Jornalismo Digital deve continuar sendo explorado e que a fidelização do público em determinado veículo depende exclusivamente da forma de disponibilizar a informação e das estratégias de retenção utilizadas na internet.

REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo online**: em busca do tempo real. Faculdade de Comunicação - UnB. Salvador, 2002. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/490da571ad11eb10eda41232795d5c54.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ASSIS, Francisco de. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Alceu**. Rio de Janeiro, v. 11 - n.21 - p. 16 a 33 - jul./dez. 2010. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2022.

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica**: as técnicas do Jornalismo. v.2. 5. ed. Rio de Janeiro: Muad X, 2009.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Online**: dos sites noticiosos aos portais locais. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Campo Grande, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/131470424234970117305161457318335805911.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

BERTHIER, Camilla Afonso. SILVA, Paola. Jornalismo Popular: não necessariamente Sensacionalista. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.5. n.2. Pub.1, Abril 2012. Disponível em: <<https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/52/1.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

BELTRÃO, Luiz. **A Imprensa Informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco, 1969.

BENEDETI, Carina Andrade. **A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática**. Florianópolis: Insular, 2009. (Série Jornalismo e Rigor. v.2.).

BONA, Nivea Canalli. **Jornalismo na sociedade**. Curitiba: InterSaberes, 2017. E-book. Disponível em: <<https://www.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 4. ed., atual. e ampl. Lajeado: Editora Univates, 2022.

CHISTOFORI, Elaine Cunha. **O Jornalismo do futuro: o processo de comunicação no jornalismo digital**. UFJF, FACOM. Juiz de Fora, 2006. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/ECChistofori.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CLEMENTE, Tatiany Araújo. **A função do lead no jornalismo impresso atual**. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1339/2/20164756.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CONDE, Mariana Guedes. **Temas em Jornalismo Digital: histórico e perspectivas**. Curitiba: InterSaberes, 2018. E-book. Disponível em: <<https://www.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

CORRÊA, Fabíola Perez. DIAS, Vanderlei. **Jornalismo Popular e Cidadania: Análise do engajamento sócio-político nos jornais Agora e O Dia**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/r9-0407-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

COTTA, Pery. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 5. reimpr.

GRUPO RBS, **Nossas Marcas**. Disponível em: <<https://www.gruporbs.com.br/nossas-marcas>> Acesso em: 28 nov. 2022.

GUIMARÃES, Brunner Macedo. et al. **Comunicação 2.0 e as Tecnologias Móveis: A Emergência do Jornalismo Participativo**. Universidade Federal de Uberlândia - MG. Manaus, 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1556-1.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

GUERRA, Josenildo Luiz. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: SILVA, Gislene (Org). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

HERSCOVITZ, Heloiza. Características dos portais brasileiros de notícias. **Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo**. California, 2009. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/197/196>>. Acesso em: 5 jun. 2022.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2001.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Ana Carolina Levorato. **Jornalismo de portal: análise de conteúdo do G1 nas áreas de cobertura da TV Tem**. UNESP. Bauru, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119621/000804121.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

LONGHI, Naiara. **Sensacionalismo e Jornalismo Popular: um estudo de caso**. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/51188428097278301015316341937608132453.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

LOPES, Daniele Vieira. BONISEM, Fabiano Mazzini. **O Jornalismo na Era Digital: Impactos Percebidos por Repórteres e Editores**. Centro Universitário Faesa. Espírito Santo, 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0800-1.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**. Pernambuco, ano 5. n. 1. janeiro-junho 2001. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PENA, Felipe. **Mil perguntas sobre jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

_____. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PERES, Vanessa Bisestre. CORTEZ, Glauco Rodriguez. **Jornalismo opinativo e informativo nas ONGs ambientalistas**: um estudo sob a ótica do espaço mediador cultural. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-2824-1.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

RASÊRA, Marcella. Jornalismo digital: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. **Ícone**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/230424/24537>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Jacira Werle. **Reportagem impressa, estilo e manuais de redação**: a construção da autoria nos textos do jornalismo diário. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2003.

RUDIN, Richard. **Introdução ao jornalismo**: técnicas essenciais e conhecimentos básicos. São Paulo: Rocca, 2008.

SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodologia de pesquisa**. Roberto Hernández Sampieri, Carlos Fernández Collado, María del Pilar Baptista Lucio; tradução: Daisy Vaz de Moraes; revisão técnica: Ana Gracinda Queluz Garcia, Dirceu da Silva, Marcos Júlio. - 5.ed. Porto Alegre : Penso, 2013.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no Jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, Gislene (Org). **Críticos de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Samara Suely Souza da. MATTOS, Fabrício Santos de. O papel do Jornalista na era digital: Um estudo de caso das rotinas de produção, reportagem e edição do G1 Pará. **Puçá** - Revista de Comunicação e Cultura da Faculdade Estácio do Pará. Belém, Ano 4, Vol. 4, no 1. Jan../Jul. 2018. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/339386949_O_PAPEL_DO_JORNALISTA_NA_ERA_DIGITAL_Um_estudo_de_caso_das_rotinas_de_producao_reportagem_e_edicao_do_G1_Para?enrichId=rgreq-ceafc36a9065b801f289aef8f584ed47-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzMzOTM4Njk0OTtBUzo4NjA2OTQxNTMwMTUyOThAMTU4MjlxNjg4NTkyNw%3D%3D&el=1_x_2&esc=publicationCoverPdf>.

Acesso em: 4 jun. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do Jornalismo**: análise e textos da Teoria do Agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Cristina Lorrân Sousa. MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. ABREU, Poliana Marta Ribeiro de. **A utilização de elementos hipertextuais no webjornalismo**: análise de conteúdo da cobertura do G1 sobre a prisão do ex-presidente Lula. Faculdade Estácio de São Luís. Universidade Federal do Maranhão. Maranhão, 2019. Disponível em:

<<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0598-1.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento informado para os entrevistados

Eu, _____, aceito participar da entrevista desenvolvida pelo pesquisador Lucas Silva dos Santos, aluno graduando do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa poderá fazer uso das respostas sobre a linha editorial, método de produção, seleção e produção das notícias veiculadas no portal GZH entre os dias 01/12/2021 à 10/12/2021 durante o julgamento envolvendo o incidente da boate Kiss.

A participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa. Assim, autorizo a veiculação de minha entrevista no material produzido para fins educacionais.

O pesquisador colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, por isso autorizo a divulgação das respostas sobre a cobertura do portal GZH para fins exclusivos da produção da monografia de autoria do graduando Lucas Silva dos Santos para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo pela Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Assinatura

Lajeado/RS, ____ de _____ de 2022.

Nome do (a) entrevistado (a): _____.

Pesquisador Lucas Silva dos Santos: _____.

APÊNDICE B - Entrevista com repórter GZH Humberto Trezzi

Como acontecia a cobertura no local do julgamento? Havia uma reunião de pauta antes ou as matérias eram produzidas de forma espontânea?

Eu participei tanto da cobertura da tragédia, em 2013, quanto do julgamento. Aliás, desde 2013 até os dias atuais, todos os anos fui puxado para a cobertura do Caso Kiss, o maior da história dos acidentes no Rio Grande do Sul.

Sempre há reuniões de pauta. Nada no jornal é publicado sem reuniões prévias. Nessas, tanto o repórter pode sugerir, como podem sugerir a ele que faça algo. No caso da tragédia, eu fiquei ao todo 30 dias em Santa Maria, no período de dois meses. Eu e outros. Em alguns casos, descobrimos pistas (como a loja que vendeu o material, como os bombeiros que não agiram como deveriam para combater o fogo). Em outros, fomos furados. Em outros ainda, a sugestão veio dos editores (chefes de reportagem).

Qual o critério utilizado para produzir um material mais elaborado (reportagem) do que uma nota mais curta?

Quando acreditamos que possa render mais audiência. Ou quando o fato não se esgota numa simples notícia.

A produção dos materiais (vídeo e fotos) eram realizadas de qual maneira? De forma planejada, com uma equipe? ou de forma mais direta, com celular? Quantas pessoas eram envolvidas ao todo até o final de uma produção?

No caso das fotos, sempre agimos com fotógrafos profissionais, de ZH (na cobertura da Kiss). O uso de foto de celular por repórteres só acontece com fatos triviais (tirar foto do rosto de alguém, por exemplo). Não para matérias que precisam senso estético apurado, foto-conceituais.

A escolha dos materiais foi feita de forma livre ou orientada por um dos editores do portal?

Sempre orientada por editores.

Quais tipos de materiais eram publicados de forma instantânea? sem passar previamente por um editor responsável pelo acompanhamento do caso?

Nunca uma matéria é publicada sem passar por editor. Passa por mais de um, quase sempre.

APÊNDICE C - Entrevista com o gerente-executivo de jornalismo, jornais e rádio GZH, Nilson Vargas

1) Como foi a mobilização da equipe durante

os dias de julgamento do caso Kiss? Ao todo, quantos profissionais foram enviados para o local e quantos ficaram trabalhando exclusivamente no caso na redação (se houve?)

Todo o planejamento foi conjunto envolvendo todos os veículos do grupo rbs. como sabíamos que seriam vários dias e muitas horas por dia, a ideia era garantir que em todos os momentos houvesse sempre profissionais no local do júri e também na retaguarda.

Mas o foco não poderiam ser só apenas os dias do júri. O caso Kiss foi muito complexo, amplo e impactante. Um mês antes do júri já começamos a produzir reportagens. Recuperamos a linha do tempo do fato e dos dez anos de espera pelo júri, localizamos personagens como profissionais que trabalharam no atendimento das vítimas, familiares, sobreviventes, policiais que investigaram, promotores que analisaram o inquérito, o juiz que começou a tratar do caso em santa maria e todos que pudessem ajudar a recontar a história.

Entre este trabalho de preparação e a cobertura, mobilizamos na redação Integrada (Zero Hora, Diário Gaúcho, GZH e Rádio Gaúcha) pelo menos 50 profissionais, não o tempo todo da cobertura, mas em vários momentos.

2) Como era realizado o processo de publicação das pautas? Era realizado um filtro antes da publicação? se sim, quais? e de que forma era realizada a seleção dos materiais que ficariam em destaque na capa do portal?

O material prévio foi todo planejado da apuração à publicação. Fizemos um fluxo de conteúdos de forma que o tema foi crescendo nas capas e em outros canais de distribuição à medida que o júri se aproximava. Nos dias de cobertura havia conteúdos "diretos", como a narração ao vivo no site e as entradas ao vivo na rádio. Estes conteúdos iam sendo combinados em tempo real entre os repórteres no local e os editores dos veículos. As matérias consolidadas dos principais depoimentos e

fatos do júri seguiam o fluxo normal do repórter para os editores, antes da publicação. Não diria que são filtros, mas processos já consolidados de trabalho. A decisão de capa do site é sempre resultado das negociações dos principais gestores com a equipe de distribuição digital, que cuida de capas, redes, pushes e newsletter. Um dos pontos importantes das tomadas de decisão de capa era a compreensão de que o restante do noticiário não estava paralisado. Num intervalo de vários dias muitas outras coisas acontecem. O júri não foi manchete o tempo todo, alternou com outros fatos, mas quase nunca, durante todos os dias, saiu de posições de destaque para facilitar o acesso dos leitores.

3) A orientação para os repórteres que realizaram a cobertura no local do julgamento dar prioridade para qual tipo de conteúdo? notas curtas ou os depoimentos em forma de grandes reportagens? Porque?

As duas coisas. Os repórteres alimentavam o "ao vivo" que narrava o site e iam preparando as chamadas matérias consolidadas, que resumiam os principais depoimentos, as falas dos advogados e todos os momentos importantes do júri. Importante o fato de que colocamos dentro do tribunal repórteres quem ou porque acompanham o caso desde o incêndio ou porque estudaram bastante antes, tinham muitas informações sobre todo o caso Kiss e sempre ilustravam seus conteúdos com detalhes, complementos e referências que qualificavam mesmo os conteúdos mais curtos.

4) A inserção dos *hiperlinks* colocados nas matérias era previamente estabelecida pela direção do veículo ou a pessoa que publicava esses materiais podia fazer de forma livre (exemplo - todas as notícias tinham o direcionamento que levava o leitor para a página onde os conteúdos eram abastecidos em forma de *tweet*)

as duas coisas. os hiperlinks vinham de pesquisas prévias (sempre construímos um banco de hiperlinks para coberturas mais robustas) e também da tomada de decisão dos editores, de forma a garantir um pano de fundo de conteúdos que ajudam o leitor a entender o contexto mais amplo das notícias.

5) Algum dos profissionais que atuaram na cobertura do caso, haviam participado da cobertura envolvendo o incêndio em 2013?

Sim. Humberto Trezzi, Eduardo Matos, fotógrafos Lauro Alves e Jefferson Botega, eu e mais um grupo de editores que deu suporte ao time no tribunal e na redação.

6) Ao final da realização da cobertura, qual o sentimento que passou pela redação?

A redação precisa ter certeza de que fez a cobertura mais completa possível, com equilíbrio, conteúdos, um bom "fio da história" de um caso que teve início há tanto tempo e todos os ingredientes necessários. A redação não torce por um ou outro desfecho, a ela cabe fazer a melhor e mais completa cobertura. Chegamos ao fim do trabalho certos de que trabalhamos no limite pelo melhor e mais completo conteúdo que o público precisava receber.

7) Como funciona a logística do Grupo RBS nesse tipo de cobertura? Qual o critério para deslocar um fotógrafo?

No caso do júri da Kiss, um dos critérios foi o fotógrafo ter participado do incêndio. No nosso caso temos o Lauro Alves e o Jefferson Botega. Por isso eles atuaram mais no júri, não só eles mas eles mais frequentemente estiveram no local e também em reportagens prévias.

ANEXOS

ANEXO A – Matéria: "Querem me prender, me prendam. Estou cansado", diz sócio da Kiss

JÚRI EM PORTO ALEGRE / NOTÍCIA

"Querem me prender, me prendam. Estou cansado", diz sócio da Kiss

Em momento de desespero e choro, Elissandro Spohr afirmou, aos prantos, que perdeu amigos, funcionários e que jamais desejou causar mal

08/12/2021 - 20h19min
Atualizada em 09/12/2021 - 07h01min

COMPARTILHE:



CARLOS ROLLSING
[Ver Perfil](#) [Enviar E-mail](#)

Publicidade



Um desenlace mais breve do que o esperado no depoimento das últimas quatro testemunhas permitiu que a fase dos interrogatórios dos réus começasse às 18h07min desta quarta-feira (8), no [júri da boate Kiss](#), com a inquirição do acusado [Elissandro Callegaro Spohr](#). Ele era o sócio que tocava o dia a dia da casa noturna onde um incêndio matou 242 pessoas e feriu outras 636 no dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria.

Narrando os fatos que sucederam após a tragédia, Spohr entrou em desespero e declarou estar farto.

— Querem me prender, me prendam. Estou cansado — desabafou, em tom de voz mais elevado, intercalado com choro e engasgo, em uma cena forte.

LEIA MAIS

Confira os depoimentos no júri da Kiss



“A percepção que tive é de não existir envolvimento de Mauro com a Kiss”, disse publicitário



Ele afirmou que perdeu amigos, funcionários e que recebeu mensagens de pessoas dizendo que ele deveria “se matar”. Nesses momentos, deixou de falar ao microfone do júri e se virou em direção às famílias das vítimas que acompanham no plenário. Disse que nunca desejou a tragédia e que a Kiss era uma boa casa de festas. Enquanto Spohr se justificava, aos prantos e gesticulando nervosamente, parentes de falecidos na tragédia deram as mãos e se abraçaram, em corrente. Um intervalo de 40 minutos para a janta foi

chamado para interromper esse momento de maior comoção e dor desde o começo do júri. No início do interrogatório, Spohr descreveu o princípio dos problemas na Kiss, causados por ruídos que atrapalhavam vizinhos.

— Era uma vizinha o problema. Eu tentei de tudo pra resolver. (...) Fizemos a obra, trocamos o palco de lugar, e seguia o barulho. A gente fez parede de pedra, forro duplo de gesso com lâ de rocha e lâ de vidro. Continuou. Vibrava o quarto da vizinha. Foi feito uma parede, ou duas, ou três, de gesso no apartamento da vizinha. Pinteí apartamento dela para fazer agrado e troquei janelas, com vidro duplo — relatou Spohr, abordando a poluição sonora que causava incômodo aos vizinhos e que levou o Ministério Público a chamar a Kiss à assinatura de um termo de ajustamento de conduta (TAC) para conter o ruído.

As obras de alvenaria para fazer o isolamento acústico não funcionaram plenamente, disse Spohr, e o engenheiro Miguel Pedroso, que projetou as intervenções, manteve a postura de não recomendar a instalação de espuma.



Elisandro Callegaro Spohr chorou durante depoimento na noite desta quarta-feira

Jefferson Botega / Agência RBS

Spohr disse que havia uma “divergência” entre Pedroso, que não indicava espuma, e o engenheiro Samir Samara, que supostamente teria recomendado esse composto para um “tratamento acústico”. Samara nega ter feito essa indicação.

Spohr seguiu seu relato contando que Samara estava muito ocupado e, por isso, teria recebido a sugestão de que ele próprio providenciasse a colocação de espuma no palco da Kiss. Inicialmente, usou retalhos velhos que tinha na boate guardados, os quais Pedroso havia mandado arrancar no passado. O réu disse não ter gostado do resultado estético e explicou ter comprado novo composto, que foi instalado por seus funcionários.

Foi essa espuma que, no dia da tragédia, acabou incendiando ao ser alcançada por fagulhas de um artefato pirotécnico erguido pelo vocalista Marcelo de Jesus dos Santos, da banda Gurizada Fandangueira.

Com a abertura dos depoimentos por Spohr, o histórico júri da Kiss, o maior já realizado no Rio Grande do Sul, entra na reta final e se aproxima da sentença, estimada para sair na madrugada de sábado.

LEIA MAIS

"Quem tem poder de polícia para fechar uma boate é a prefeitura", diz promotor de Justiça



"A prefeitura de Santa Maria foi a mais investigada do planeta e não acharam nada", diz Schirmer sobre tragédia da Kiss



Spohr começou o depoimento respondendo a perguntas do juiz Orlando Faccini Neto, presidente do júri. O magistrado esclareceu que ele tinha direito ao silêncio e poderia recusar-se a atender qualquer indagação das partes. De antemão, a defesa de Spohr, conhecido como Kiko, afirmou que ele responderia somente a questionamentos do magistrado e de Jader Marques, seu advogado.

O magistrado questionou se Spohr, antes da tragédia, já tinha visto a Gurizada Fandangueira se apresentar com fogos de artifício. Antes do júri, em entrevistas, o réu havia dito que jamais havia presenciado pirotecnia do conjunto musical. Nos depoimentos de testemunhas, houve manifestações de que era corriqueiro o uso dos fogos pela banda.

No júri, respondeu:

— Eu não vi eles fazerem esse negócio. Não vi banda nenhuma fazer (*show pirotécnico*). Se fizeram, eu não vi.

O magistrado permaneceu no tema e Spohr afirmou, por fim, que “não autorizou” o uso de fogos pela Gurizada Fandangueira. Spohr também disse que não conversou com a banda para avisar que a casa havia passado por obras e que a espuma tinha sido colocada. Spohr avaliou que a banda acreditava que “nao pegava fogo”, em referência à pirotecnia.

Kiko, como é conhecido, contou que chegou a discutir com integrantes da banda no presídio, quando foram detidos em 2013, sobre o uso corriqueiro ou não de fogos, cada qual com sua versão. O vocalista Santos e o produtor de palco, Luciano Bonilha Leão, pelas suas defesas, dizem que era usado frequentemente e era de conhecimento geral entre o circuito noturno.

Kiko diz que lidava com um cliente embriagado que causava incômodo na casa naquela noite quando uma pessoa veio ao seu encontro relatando fogo no palco. Ele, que não estava vendo o show da Gurizada Fandangueira, disse ter dado ordem para que as pessoas saíssem e os funcionários, liberassem. Negou o bloqueio de portas para pagamento de comanda, o que foi discutido ao longo do julgamento. Um ex-barman que prestou depoimento disse que, no máximo, esse embarreiramento teria durado de cinco a sete segundos, até que os seguranças percebessem o que estava acontecendo, um sinistro.

— Vem um monte de gente e me prensa contra um táxi. Aí generalizou a coisa. (...) Foi gerando um tumulto e deu o que deu — descreveu Spohr.

Ele contou ter retirado do interior da boate uma de suas funcionárias chamada Kátia — ela prestou depoimento no primeiro dia do júri.

LEIA MAIS

Microfones desabilitados, situação legal da boate, artefatos pirotécnicos e bate-boca: como foi o sétimo dia de júri da Kiss



— Os olhos dela estavam brancos. Quando vi aquilo, pensei: "Meu Deus do céu, o que está acontecendo?" — relatou.

Ele seguiu descrevendo os momentos que sucederam, quando frequentadores da Kiss começaram a se voltar contra ele em meio à tragédia.

— A Vanessa (*sobrevivente*) veio de braços abertos. Eu pensei que ela vinha me dar um abraço. Mas ela veio me dar um tapa. Alguém disse: "Vamos sair daqui que vão começar a te culpar". Eu não sabia o que fazer. Eu disse que me levassem na delegacia. Eu disse: "Tá pegando fogo na boate" — contou Spohr, caindo em lágrimas.

No início do depoimento, a pedido do magistrado, ele relatou a trajetória da sua vida e disse que acabou entrando no ramo de casas noturnas em desdobramento da sua paixão pela música.

Spohr contou que o sucesso da Kiss teve início a partir da festa chamada "Quinta Absoluta", em que havia dose dupla de vodka. Neste momento, também se emocionou, recordando "bons tempos" da casa.

O depoimento de Spohr, contando com os 40 minutos de intervalo, durou pouco mais de três horas, sendo encerrado em torno das 21h20min.

Depois da pausa para a janta, Spohr retornou mais recomposto emocionalmente. Ele disse que, no dia do incêndio, "não teria como ter mais do que 800" pessoas na Kiss. Afirmou que, ao chegar nesse teto, novos clientes somente ingressavam quando outros saíam em igual número. Ao longo do júri, testemunhas relataram que a casa estava "lotada" ou "superlotada", estimando público em torno de mil frequentadores. Além dos 242 mortos, o Ministério Público consignou na denúncia o número — contestado pelas defesas — de 636 feridos. Esses dados já somam 878 homens e mulheres que lá estariam.

O juiz Orlando prosseguiu fazendo questões e, na introdução de uma pergunta mais reflexiva diante da tragédia, quis saber se Spohr se solidarizou com as famílias das vítimas. Se, diante do eventual risco de rispidez do interlocutor que sofreu perdas na Kiss, ao menos havia escrito uma carta pública de prestação de condolência.

— O que a denúncia aponta é que morreram 242 pessoas jovens por conta do contato de um artefato pirotécnico com uma espuma colocada na boate. E não por um alvará ou por bombeiros terem chegado antes ou depois. Ou por má atuação do prefeito — discorreu Orlando, como se estivesse chamando o réu a avaliar a sua conduta.

Nas respostas, Kiko lamentou que o extintor de incêndio do palco não tenha funcionado, embora ele assegure que os equipamentos tenham recebido recarga pouco antes do sinistro. E confirmou que não escreveu uma carta pública ou teve atitude que a valesse.

— Eu sempre me senti envergonhado, sem saber o que dizer. Não tem explicação que eu consiga dar. Eu fiquei como culpado. Vou falar o quê? Eu não tive mais contato com amigos meus. Fiquei quatro meses preso (*em 2013*) e, de lá, fui para Tramandaí. Fiquei três anos sem sair de casa — relatou.

Ao final das perguntas do magistrado, de forma surpreendente para quem acompanhava o júri, o advogado Jader Marques, que lidera a defesa de Spohr, anunciou que não faria perguntas. Disse que estava satisfeito, sem mais argumentações a respeito da decisão. Antes do início do interrogatório, a defesa de Kiko havia dito que ele responderia somente ao juiz e ao seu defensor. O magistrado, inclusive, ressaltou que o réu tinha direito ao silêncio e que não seriam permitidas perguntas de partes que ele não desejasse responder. Por isso, a desistência causou curiosidade.

A promotora Lúcia Callegari, em entrevista coletiva após o encerramento, avaliou que a desistência da defesa em fazer perguntas pode ter relação com a “seletividade do silêncio”. Segundo ela, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) tem emitido decisões recentes que confrontam a prerrogativa do réu de ser indagado pelos seus defensores e não pelas outras partes. Lúcia disse que, caso Spohr respondesse apenas ao seu advogado, ela pediria que constasse em ata a “seletividade do silêncio” do réu.

O júri da Kiss será retomado às 9h desta quinta-feira (9) com os depoimentos dos outros três réus. Por ordem definida em sorteio, serão interrogados Luciano Bonilha Leão, Mauro Hoffmann e Marcelo de Jesus dos Santos. A previsão é de que o júri da boate Kiss seja finalizado, com a emissão de sentença, até o próximo sábado (11).

ANEXO B – Matéria: "Sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem", diz produtor da banda que tocava na Kiss

INCÊNDIO EM SANTA MARIA / NOTÍCIA

"Sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem", diz produtor da banda que tocava na Kiss

Luciano Augusto Bonilha Leão foi o segundo réu a depor a respeito da morte de 242 pessoas na maior tragédia da história gaúcha

09/12/2021 - 10h10min
Atualizada em 09/12/2021 - 12h21min

COMPARTILHE:



HUMBERTO TREZZI

[Ver Perfil](#) [Enviar E-mail](#)



Um longo abraço na mãe e nas irmãs foi dado por Luciano Augusto Bonilha Leão, 43 anos, antes de começar a falar sobre o episódio mais traumático da sua vida. Ele é um dos quatro acusados pelo [incêndio na boate Kiss](#), em [Santa Maria](#), que matou 242 pessoas. E o segundo réu a prestar depoimento no [júri](#), que ingressa no nono dia, nesta quinta-feira (9).

Luciano ressaltou que adora música e disse que ingressou profissionalmente na vida noturna quando conheceu Danilo, gaitero da banda Gurizada Fandangueira — que acabou morrendo no incêndio da Kiss. Foi convocado como produtor de palco, o sujeito que faz serviços eventuais (freelancer), cuidando de tudo um pouco do conjunto. Era office-boy, buscava mantimentos, levava água, carregava instrumentos, intermediava contatos. Nunca foi músico. Era o que se chama de "roadie".

Atuou em 14 shows da banda, calcula. **E em nove deles foram usados artefatos pirotécnicos.**

Inclusive na Kiss, onde ele menciona pelo menos duas apresentações em que foram usados fogos de artifício pelo grupo. Salientou ainda que não conhecia os donos da boate.

Questionado se sabia do rebaixamento do teto da casa noturna e se isso teria facilitado o começo do fogo, ele respondeu:

— Não sabia e acho que não teria facilitado, né. A gente achava tudo seguro.

LEIA MAIS

AO VIVO: acompanhe o julgamento do caso



Interrogatório do primeiro réu e depoimentos de ex-prefeito e promotor: os destaques do oitavo dia do júri da Kiss



"Os sete amigos": reveja especial de ZH que marcou um ano do incêndio na Kiss



Luciano também contou ter comprado em uma loja de Santa Maria o artefato que o gaitero da banda usava. Numa sacola, fora da caixa. Ele assegura que jamais teve informação de que o produto não poderia ser usado indoor (dentro de ambiente fechado). Um deles foi instalado em cada lado do palco e outro, na mão do vocalista da banda. Era um sistema de acionamento por controle remoto, que Luciano acionou.

— Os músicos não iriam se queimar. Nunca alguém falou que era arriscado. Como é que as pessoas chegavam perto, até cantavam junto do músico que estava com o artefato? — questionou.

O réu inclusive ressaltou que, uma semana antes do incêndio da Kiss, esteve num show universitário em que artefatos luminosos foram montados em cima de caixas de som. Ao falar de como saiu da boate Kiss no dia da tragédia, Luciano voltou a chorar.

— Fui indo, fui indo e me preendi nos ferros. Não conseguia enxergar. Caí. Não conseguia respirar mais. Aí botei a camiseta no rosto e pedia a Deus: "Me tira daqui!". Caíram pessoas em cima de mim. Me tiraram. Saí com as calças, a camiseta e sem os calçados. Fui arrastado. Até agora tenho a marca de uma unha, de quem me arrastou — descreveu, em lágrimas. Disse que voltou até a porta e foi ajudar pessoas a saírem da Kiss. Por instinto, acredita.

— Não estivessem todos se ajudando, tinha muito mais morto. Muito mais.



Luciano Bonilha Leão chorou ao abraçar familiares, antes de prestar depoimento

Lauro Alves / Agência RRS

Luciano falou que a boate estava cheia. Soube disso ao atravessar o local caminhando, de um jeito que não conseguia falar com os músicos, fora do microfone. O réu disse que não iria responder a questionamentos do Ministério Público, por terem dito que ele é responsável pelo incêndio. Falou não aceitar isso.

— Não tenho sentimento? O Ministério Público deveria defender o povo. Tiveram nove anos para me ouvir, não acreditaram em mim.

O réu também mandou uma mensagem aos **familiares dos mortos na Kiss**.

— A luta deles é legítima. Minha mãe é a maior joia da minha vida. Se eu tivesse morrido, ela não teria a escolha de pensar se o filho é assassino ou inocente. Mas tenho a consciência de que não queria a tragédia, sou inocente. Mas se for para tirar a dor desses pais, que me condenem.

Questionado por seu advogado, Jean Menezes, sobre quais bens possui, Luciano falou:

— Tenho um Fusquinha 74. Ganho em torno de R\$ 1,6 mil por mês.

Luciano também falou de traumas após a tragédia. E mostrou um saco cheio de caixas de medicamentos contínuos, que toma, em decorrência de problemas psicológicos pós-incêndio.

— São tudo amostra grátis, que ganhei do psiquiatra. Mas acham que não posso ter sequelas. Que sou assassino — reclamou, em nova **crise de choro**.

Luciano também declarou que as famílias entraram em contato com ele. Algumas, assegurou, quiseram conhecê-lo. Que se abraçou num pai que perdeu as duas filhas na boate. O réu também reclamou que seu casamento terminou após o incêndio.

— Eu dormia na sala, por angústia. Não conseguia mais ter vida de casal. Um dia saí, peguei minhas roupas e fui embora. Eu só não perdi o tesouro que é minha mãe.

O interrogatório terminou às 10h10min, depois que Luciano disse que não iria mais responder perguntas, nem da defesa, nem da acusação.

ANEXO C – Matéria: Réu chora ao chegar, passa mal e é levado à enfermaria antes de júri da Kiss

VÍDEO / NOTÍCIA

Réu chora ao chegar, passa mal e é levado à enfermaria antes de júri da Kiss

Luciano Bonilha Leão, ex-produtor da banda Gurizada Fandangueira, chegou ao Foro Central acompanhado pelos advogados e não falou com a imprensa

01/12/2021 - 10h54min
Atualizada em 01/12/2021 - 13h15min

COMPARTILHE:



GZH GZH



Ex-produtor da banda Gurizada Fandangueira, Luciano Bonilha Leão foi um dos primeiros entre os quatro réus a chegar ao Foro Central de Porto Alegre, na manhã desta quarta-feira (1º), onde ocorre o julgamento do caso Kiss. Ele estava acompanhado por advogados e não falou com a imprensa.

Ao chegar à porta do prédio, o acusado gritou: "Eu não sou assassino".

Em seguida, Luciano precisou ser levado à sala onde é prestado atendimento médico. Segundo os advogados, ele teve um pico de pressão alta, foi atendido e liberado para ir ao plenário, onde a sessão está sendo realizada.

LEIA MAIS

AO VIVO: acompanhe o julgamento do caso



Entenda como será o júri do caso Kiss



Os réus

Quatro homens irão a julgamento no caso Kiss. Eles respondem por homicídio simples, com dolo eventual, quando se assume o risco de matar, contabilizados da seguinte forma: 242 vezes consumado, proporcional ao número de mortes, e 636 tentativas, em referência ao quantitativo de feridos.

- Elissandro Callegaro Spohr (Kiko), sócio da Kiss. Sua defesa será feita pelos advogados Jader Marques e Leonardo Sagrillo Santiago
- Mauro Londero Hoffmann, sócio da Kiss. Sua defesa será feita pelos advogados Mario Luis Lirio Cipriani, Bruno Seligman de Menezes, Adriano Farias Puerari e Diego da Rosa Garcia
- Marcelo de Jesus dos Santos, vocalista da banda Gurizada Fandangueira. Sua defesa será feita pela advogada Tatiana Vizzotto Borsa
- Luciano Bonilha Leão, produtor de palco da banda Gurizada Fandangueira. Sua defesa será feita pelos advogados Jean de Menezes Severo, Gustavo da Costa Nagelstein, Tomás Antônio Gonzaga, Filipe Decio Trelles e Martin Mustschall Gross

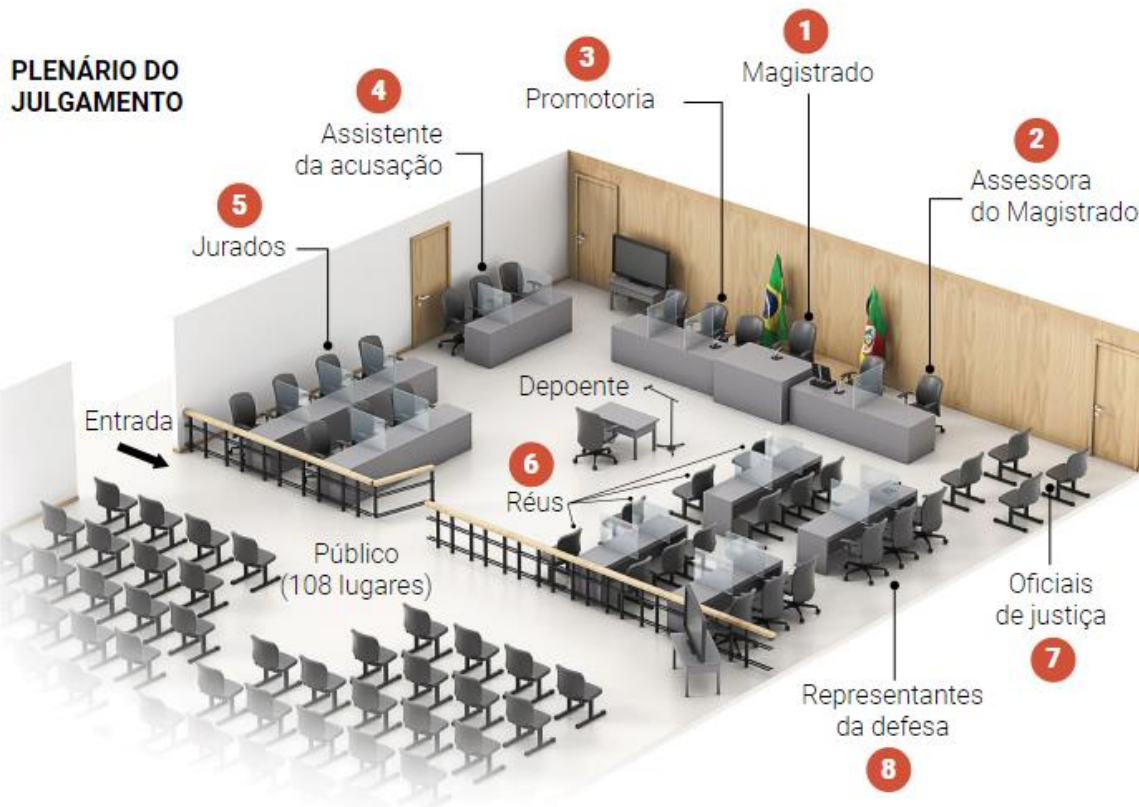
COMO SERÁ O JÚRI DA KISS

Confira em detalhes o plenário do julgamento dos acusados pelo incêndio na boate Kiss

ONDE E QUANDO

O júri ocorrerá a partir de 1º de dezembro de 2021, às 9h, no plenário do segundo andar do Foro Central I, em Porto Alegre



**1 Magistrado**

Juiz Orlando Faccini Neto, da 1ª Vara do Júri da Comarca de Porto Alegre (2º Juizado)

2 Assessora do Magistrado

Livia Fossatti ficará ao lado do juiz, para auxiliá-lo. Eventualmente, uma secretária e uma estagiária também estarão ali para ajudá-la

3 Promotoria

Dois promotores atuarão em plenário: David Medina da Silva e Lúcia Helena de Lima Callegari

4 Assistente de acusação

Advogado Pedro Barcellos, que representa a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM). É possível que outros advogados, de pais não vinculados à entidade, participem

5 Jurados

Serão sete, sorteados no dia do júri entre 150 pré-selecionados. Os jurados, cujos nomes não são divulgados, ficam isolados durante o julgamento

6 Réus

Elissandro Callegaro Spohr, o Kiko, sócio da boate Mauro Londero Hoffmann, sócio da boate Luciano Bonilha Leão, ex-produtor da banda Gurizada Fandangueira Marcelo de Jesus dos Santos, ex-vocalista da banda Gurizada Fandangueira

7 Oficiais de Justiça

Dois oficiais ficarão permanentemente no plenário, sendo que poderá haver mais profissionais, se necessário. Eles acompanham os jurados

8 Representantes da defesa

No plenário, poderão estar presentes até três advogados por réu

Acusação

Os réus respondem por homicídio simples, com dolo eventual, quando se assume o risco de matar, contabilizados da seguinte forma: 242 vezes consumado, proporcional ao número de mortes, e 636 tentativas, em referência ao quantitativo de feridos

ANEXO D – Matéria: “Quando cheguei na porta caí. Senti meus braços queimarem”, diz sobrevivente da Kiss que perdeu o pé na tragédia

1º DIA DE JULGAMENTO / NOTÍCIA

"Quando cheguei na porta, caí. Senti meus braços queimarem", diz sobrevivente da Kiss que perdeu o pé na tragédia

Depoendo na condição de sobrevivente, Kellen Giovana Leite Ferreira foi acompanhada de sete amigos na fatídica festa, dos quais três faleceram

01/12/2021 - 22h14min
Atualizada em 02/12/2021 - 19h40min

COMPARTILHE:



CARLOS ROLLSING

[Ver Perfil](#) [Enviar E-mail](#)



Kellen Giovana Leite Ferreira era frequentadora da [boate Kiss](#), em [Santa Maria](#). Na madrugada de 27 de janeiro de 2013, ela estava na festa que acabou com 242 mortos e 636 feridos após o incêndio. Ela estava acompanhada de sete amigos, dos quais três morreram. Chamada a depor na condição de sobrevivente no [primeiro dia do júri da Kiss](#), nesta quarta-feira (1º), Kellen mostrou que carrega profundas marcas do sinistro. Ela queimou 18% do corpo e perdeu o pé. Hoje usa uma prótese. Precisou de 78 dias de internação no [Hospital de Clínicas](#), em [Porto Alegre](#), para se recuperar dos danos, embora jamais tenha se livrado das sequelas. No depoimento no Foro Central I, na Capital, local do júri, relatou traumas psicológicos, além dos físicos.

— Vivemos numa sociedade que exige corpo perfeito. Eu comecei um processo de aceitação do ano passado para cá. Eu tinha medo de sair nas ruas e as pessoas me julgarem. Só ano passado passei a usar short. Eu usava calça jeans até no calorão de 40 graus — afirmou Kellen, sobre ter perdido o pé.

Ela disse que, inicialmente, não entendeu o que estava acontecendo. Relatou que muitas pessoas passaram à frente dela, correndo.

LEIA MAIS

"Era um labirinto. Eu mesma trabalhava lá e quase não consegui sair", relata sobrevivente da tragédia da Kiss



Em imagens, o primeiro dia de julgamento do caso Kiss



— Eu me atinei a correr. Eu achei que fosse briga. (...)

Quando eu cheguei na porta, eu caí. Nesse momento, senti meus braços queimarem, muito calor e um cheiro muito forte — recordou Kellen.

A sobrevivente afirmou que a casa estava superlotada, a ponto de existir dificuldade para caminhar no seu interior. Disse que ninguém avisou no microfone que um incêndio estava em andamento na boate. A promotora Lúcia Callegari,

do Ministério Público, órgão de acusação, mostrou imagens de apresentações com fogos no interior da Kiss. A depoente confirmou que esse tipo de pirotecnia acontecia na casa.

A testemunha, universitária à época dos fatos, disse ter gastos elevados com próteses e equipamentos que precisa usar atualmente para auxiliar sua saúde, debilitada devido ao incêndio. Precisou ingressar na Justiça contra o Estado e a prefeitura de Santa Maria para obter auxílio financeiro. Dos réus, disse jamais ter recebido qualquer ajuda.



Kellen Ferreira foi a segunda testemunha a prestar depoimento no júri

Jefferson Botega / Agência RBS

1 / 4



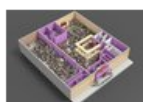
Respondendo a perguntas da promotora Lúcia e a uma intervenção da advogada Tatiana Borsa, do réu Marcelo de Jesus dos Santos, a sobrevivente foi confrontada com uma publicação sua em que se referiu ao episódio como “acidente”.

Ela confirmou que usava a expressão “acidente”, mas depois deixou de fazer isso. A sobrevivente declarou não ter conhecimentos jurídicos para distinguir qual a palavra mais adequada para se referir ao fato.

— Tem mais gente culpada pelo o que aconteceu. A fiscalização, os bombeiros, a prefeitura. O cliente dela (Santos) também é culpado. Não tem de tirar a culpa dele. Eu acho que ele é culpado — afirmou Kellen.

LEIA MAIS

Cenário da tragédia:
ilustração 3D mostra
como era a boate Kiss



Respondendo ao promotor David Medina da Silva, do Ministério Público, a sobrevivente disse não ter encontrado indicações luminosas de saída no dia da tragédia. Comentou que o ambiente da Kiss era quente. Outro tema abordado foi sobre um documentário publicado às vésperas do júri pela defesa do réu Elissandro Callegaro Spohr, dono da Kiss.

Kellen fez uma menção a isso de forma espontânea no depoimento e, depois, o Ministério Público retomou o assunto em questionamento. No vídeo, Spohr faz uma viagem de carro com seu advogado Jader Marques e conta sua história de vida, fala sobre o trabalho na Kiss e o incêndio. A sobrevivente disse que assistiu ao documentário e reagiu com indignação ao comentar a realização audiovisual da defesa do réu.

— Senti náusea, vontade de vomitar, foi um teatro enorme. Vítimas somos nós, que passamos por esse massacre — protestou Kellen, indicando suposta intenção dos réus em se colocarem igualmente como vítimas do sinistro.

O depoimento de Kellen durou cerca de duas horas, sendo encerrado às 22h10min. As quatro bancadas de defesa dos réus abriram mão de fazer perguntas à sobrevivente.

O júri da Kiss recomeça nesta quinta-feira (2), às 9h. Para o dia, é previsto o depoimento de mais seis testemunhas, dentre elas o engenheiro Miguel Pedroso. Ele foi o responsável pelo projeto de engenharia de reformas de isolamento acústico da boate Kiss, numa tentativa de conter os ruídos que incomodavam a vizinhança. No memorial descrito da intervenção, o profissional não recomendou a instalação de espuma inflamável no teto ou em qualquer outro ponto da boate.